

19/03/2019

Grande Imprensa

**FOLHA DE S. PAULO - SP**

[As regras do jogo](#)

[Empurrados não vamos](#)

[Com nome de operação, Lava Jato da Educação ainda é protocolo de intenções](#)

**O ESTADO DE S. PAULO - SP**

[O 'guru' do presidente](#)

**VALOR ECONÔMICO - SP**

[Radicalismo e educação não combinam](#)

Agências de notícias e sites

**AGÊNCIA BRASIL**

[MPF e MPPA querem reativar polo da Universidade Aberta do Brasil em Altamira](#)

**CORREIO WEB**

[Disputas internas no MEC paralisam políticas da pasta](#)

**DIÁRIO ONLINE**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**DIRETO DA CIÊNCIA**

[Capes atrasa estimativa anual para verbas de custeio da pós-graduação](#)

**ISTOÉ DINHEIRO - SP**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**JORNAL DE PIRACICABA**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**O QUARTO PODER**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**PORTAL ISTOÉ**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**CORREIO WEB**

[UCB promove congresso sobre internacionalização da educação](#)

**METRÓPOLES**

[Ministério Público investiga venda de diplomas falsos no DF e Entorno](#)

**O LIBERAL - PA**

[MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará](#)

**PORTAL VEJA**

[DEM deve ganhar espaço no Ministério da Educação](#)

Agências de notícias e sites

**SEGS - PORTAL NACIONAL**

[Mestrado profissional em conservação e sustentabilidade: inscrições abertas](#)

**AGÊNCIA FOLHA**

[Com nome de operação, Lava Jato da Educação ainda é protocolo de intenções](#)

**BLOG DO LAURO JARDIM**

[378 mil servidores federais à espera do que fazer](#)

**TERRA**

[MBA Saneamento Ambiental: curso EAD com módulo presencial em Londres promove a qualificação dos profissionais do setor](#)

Imprensa Estadual

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO - PE**

[Indicada ao MEC diz que ensino deveria vir da Bíblia](#)

## **J. DO COMMERCIO - PE**

[Nº 2 do MEC defende ensino pela Bíblia](#)

Agências de notícias e sites

## **AQUI ACONTECE**

[Presidente da Fapeal assume vice-presidência do Conselho Nacional das Faps](#)

## **PORTAL ÉPOCA**

["DISCURSO DE VÉLEZ TEM COMPONENTE IDEOLÓGICO E NARRATIVA PERSECUTÓRIA", DIZ FILÓSOFO](#)

[AS LIÇÕES DO CAOS NO MEC](#)

## **PORTAL EXAME**

[Microrganismos são os maiores emissores de carbono em águas da Amazônia](#)

## **AGÊNCIA CÂMARA**

[Governo retira de tramitação proposta da área educacional elaborada por gestão Temer](#)

## **AGÊNCIA FOLHA**

[Faculdade de Direito da USP desafia MP de Bolsonaro e autoriza desconto sindical em folha](#)

## **G1**

[Aperfeiçoamento profissional para conquistar novas posições no mercado](#)

[Como professora brasileira entre 10 melhores do mundo quer revolucionar escola pública](#)

[Projeto de lei que propõe que o hino de Curitiba seja executado uma vez por semana nas escolas municipais é aprovado em 1º turno](#)

## **R7**

[Conflitos e segurança podem contar pontos na avaliação escolar](#)

## **TERRA**

[Professora brasileira entre melhores do mundo quer mudar escola pública](#)

## **UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

[Professores e funcionários voltam a local de massacre em Suzano](#)

[Professora brasileira entre melhores do mundo quer mudar escola pública](#)

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - OPINIÃO**

### **As regras do jogo**

### **Governo tem dificuldade para articular aprovação da reforma da Previdência**

A crise que quase derrubou o ministro da Educação não acabou. Ricardo Vélez foi mantido pelo presidente Jair Bolsonaro para evitar um desgaste político maior. Nos bastidores, no entanto, crescem as apostas em Mendonça Filho.

Mendoncinha, como ele é conhecido, pertence ao DEM, partido do presidente da Câmara, Rodrigo Maia. Pode se tornar uma saída pelo apoio do Congresso na reforma da Previdência, primeiro teste do governo.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/julio-wiziack/2019/03/as-regras-do-jogo.shtml>

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - PAINEL**

### **Empurrados não vamos**

Integrantes da cúpula do DEM têm reclamado do que veem como uma tentativa do governo Jair Bolsonaro de atrelar indicações de cargos ao partido. A face mais exposta do impasse está no Ministério da Educação. Dirigentes da legenda se irritaram com a vinculação de nomes que já atuaram na pasta e estão cotados para voltar a uma suposta reivindicação partidária. Eles dizem que, enquanto o Planalto não organizar o jogo com todas as siglas, não haverá gesto de apoio formal à atual gestão.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://painel.blogfolha.uol.com.br/2019/03/18/planalto-tenta-atrelar-dem-a-cargos-mas-irrita-o-partido/>

topo ↕

## FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

**Com nome de operação, Lava Jato da Educação ainda é protocolo de intenções  
Esforço deve organizar respostas a irregularidades já apontadas em programas  
Brasília**

Anunciada há pouco mais de um mês pelo Ministério da Educação, com nome de operação e a presença do ministro da Justiça, Sergio Moro, a chamada Lava Jato da Educação ainda não contempla de fato uma investigação.

No dia 14 de fevereiro, o MEC divulgou nota sobre um acordo firmado com Moro e representantes da CGU (Controladoria-Geral da União) e AGU (Advocacia-Geral da União). No texto, a pasta afirmava que "uma investigação feita pela nova gestão do MEC pode dar início à Lava Jato da Educação". Pelas redes sociais, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) reforçou que a Lava Jato da Educação estava na praça.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/com-nome-de-operacao-lava-jato-da-educacao-ainda-e-protocolo-de-intencoes.shtml>

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - NOTAS E INFORMAÇÕES

### O 'guru' do presidente

Em visita aos Estados Unidos, o presidente Jair Bolsonaro prestou efusiva homenagem a Olavo de Carvalho, escritor e professor de um curso de filosofia online.

No primeiro evento de sua visita aos Estados Unidos, um jantar para alguns expoentes do pensamento conservador norte-americano em Washington, o presidente Jair Bolsonaro, acompanhado da nata de seu governo, prestou efusiva homenagem a Olavo de Carvalho, escritor e professor de um curso de filosofia online, alçado nas redes sociais à categoria de "guru" do bolsonarismo.

Depois de dizer que Olavo de Carvalho "inspirou muitos jovens no Brasil", o presidente Bolsonaro disse que "em grande parte devemos a ele a revolução que estamos vivendo". Na ocasião, segundo o jornal Valor, o principal ministro do governo, Paulo Guedes, da Economia, referiu-se a Olavo de Carvalho em termos semelhantes: "Você é o líder da revolução". Tudo isso horas depois de Olavo de Carvalho, que se faz notar por reiteradas ofensas públicas a integrantes do governo Bolsonaro, ter chamado o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, de "idiota".

Nada disso parece abalar a profunda admiração do presidente pelo professor de filosofia

online – que disse pretender “formar uma geração de intelectuais sérios que vão formar outros intelectuais sérios”, pois sua intenção, nada mais, nada menos, é “mudar o destino da cultura brasileira por décadas ou séculos à frente”. Diante da deferência presidencial a essa figura – Olavo de Carvalho sentou-se à direita de Bolsonaro durante o banquete –, torna-se obrigatório conhecer o pensamento de tão influente personagem e saber do que se trata, afinal, essa “revolução” à qual o presidente e seu ministro da Economia se referiram. Mas não é preciso grande esforço intelectual para resumir essa doutrina: para o guia do presidente, é “comunista” todo aquele que não for um apaixonado bolsonarista. E a tal “revolução” nada mais é do que o combate sem tréguas a esse “comunismo”, que estaria impregnado em todas as instâncias da vida nacional.

Não à toa, os dois ministros cuja indicação é atribuída a Olavo de Carvalho – o chanceler Ernesto Araújo e o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez – são os mais estridentes porta-vozes dessa luta contra o “comunismo”. Parece ser justamente essa obsessão que une Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro. No banquete em Washington, o presidente declarou que sempre sonhou “em libertar o Brasil dessa ideologia nefasta” e “quis a vontade de Deus” que fosse ele, Bolsonaro, a desempenhar essa “missão”.

Foi então que o presidente chegou ao ponto essencial de seu discurso de pouco mais de quatro minutos: Bolsonaro disse que não é o momento de “construir coisas para o nosso povo”, e sim de “desconstruir muita coisa”. Segundo Bolsonaro, “o nosso Brasil caminhava para o socialismo, para o comunismo”, e seu governo será “um ponto de inflexão”.

Trata-se de um pronunciamento esclarecedor. A partir dele é possível concluir que Jair Bolsonaro foi eleito sem um plano de governo claro porque seu objetivo não é nem nunca foi construir nada, e sim destruir.

Compreende-se assim o caráter errático de sua administração e de sua atuação política. Bolsonaro atua com o único propósito de expurgar o País dos “comunistas” – que é como ele e seus militantes se referem aos petistas e, agora, a todos os que ousam apontar a falta de rumo do governo.

Em nome dessa “missão”, Bolsonaro não se constrange em oferecer aos Estados Unidos uma relação privilegiada mesmo sem ter garantias de que haverá reciprocidade norte-americana. Ou seja, em nome da luta contra o “comunismo”, o Brasil de Bolsonaro se coloca deliberadamente como subalterno na sua relação com os Estados Unidos, enquanto hostiliza parceiros comerciais de peso como a China comunista – não por acaso, alvo de duras críticas de Olavo de Carvalho. A “dependência” brasileira da China, aliás, foi criticada pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, no banquete em que o professor de filosofia online foi homenageado pelo presidente Bolsonaro.

Em outras circunstâncias, os devaneios filosóficos do presidente e de seu “guru” não passariam de chistes no anedotário político nacional; mas, no momento em que o Brasil precisa de seriedade e bom governo para se levantar depois da aventura lulopetista, essas piadas não têm graça nenhuma.

topo ↕

**VALOR ECONÔMICO - SP - OPINIÃO**  
**Radicalismo e educação não combinam**

O desprezo do governo Bolsonaro pela área da educação é notório. Chega às raias da irresponsabilidade a falta de liderança política do Palácio do Planalto sobre a estrutura administrativa do Ministério da Educação que, em pouco tempo, já sofreu a queda de dois vice ministros, teve de conviver com fanáticos antiglobalistas em seus quadros e que, em dois meses e meio de governo, continua mergulhado em intrigas e disputas internas com poder de resvalarem no funcionamento do sistema educacional do país.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/opiniaio/6167155/radicalismo-e-educacao-nao-combinam>

topo ↕

## **AGÊNCIA BRASIL - TEMPO REAL**

### **MPF e MPPA querem reativar polo da Universidade Aberta do Brasil em Altamira**

#### **Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados sobre o fechamento da unidade**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira. Eles encaminharam nesta segunda-feira uma recomendação à prefeitura de Altamira para que seja providenciada a reabertura da unidade.

Os gestores públicos terão dez dias úteis para apresentar resposta. Se ela não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em Biologia e Matemática e pós-graduação em Sociologia e Matemática.

Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação, a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados pela Secretaria Municipal de Educação sobre o fechamento da unidade com a alegação de que o ensino superior é de responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A **Capes**, Coordenação de Pessoal de Nível Superior, ligada ao Ministério da Educação, já notificou a Prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

topo ↕

## **CORREIO WEB - TEMPO REAL**

### **Disputas internas no MEC paralisam políticas da pasta**

#### **Pasta já teve seis exonerações e conta com dificuldades para implementação de medidas importantes**

As confusões públicas em que o ministro Ricardo Vélez se envolveu, aliadas a uma briga ideológica nas entranhas do Ministério da Educação parecem ter instalado uma confusão sem fim na pasta. Enquanto se discutem questões internas e pessoais, políticas importantes na educação estão paradas. Em outubro, estão previstas as provas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Esta será a primeira vez que a prova do segundo ano avaliará o que está na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Outros programas que aguardam a sinalização e a atenção do governo é a reforma do ensino médio e o Plano Nacional da Educação (PNE), considerado o carro-chefe para o alavancamento da educação no país.

Nos bastidores, o apoio ao ministro vem estremeando com uma coleção de crises causadas por ele mesmo, como quando em uma entrevista afirmou que a universidade não é para todos. “As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica”, disse. A uma revista, o ministro disse que o “brasileiro viajando é um canibal” pois rouba itens em hotéis e aviões. Posteriormente pediu desculpas e disse ter sido ‘infeliz na declaração’.

Pouco tempo depois, o ministro se envolveu em outra polêmica que agravou a crise interna, dessa vez com uma carta enviada às escolas no final de fevereiro pedindo que o slogan de campanha de Bolsonaro fosse lido para as crianças e que elas fossem filmadas cantando o Hino Nacional e que fosse enviado ao governo. Por fim, Vélez recuou e pediu que o ministério retirasse o trecho do slogan do email e afirmou que ‘percebeu o erro’ de inserir o mesmo na mensagem. A iniciativa foi criticada por professores e entidades educacionais e a pasta também desistiu de pedir os vídeos, alegando razões técnicas e dificuldades de armazenamento de material.

O MEC se vê envolto em uma briga ideológica e disputa entre militares e técnicos. Em meio a frequentes reuniões com o presidente Bolsonaro, Vélez foi obrigado a demitir vários de seus auxiliares, após um embate inflamado com o filósofo Olavo de Carvalho, considerado o guru de Bolsonaro e responsável pela indicação do próprio ministro.

Na última terça-feira (12/3), o “número dois” da pasta, o secretário-executivo Luiz Antonio Tozi foi exonerado. Em três dias, Vélez trocou o secretário-executivo duas vezes. Inicialmente, havia previsto a transferência do cargo para Rubens Barreto da Silva, também nomeado recentemente para o cargo de Secretário Executivo Adjunto. No entanto, pressões internas não o deixaram sequer assumir o cargo, que nem chegou a ser publicado no Diário Oficial da União (DOU). No dia 14, após voltar de uma viagem, o ministro confirmou por meio das redes sociais que o cargo ficaria com a pastora Iolene Lima, que antes ocupava o cargo de diretora de formação do MEC. A nomeação, no entanto, ainda não foi chancelada pela Casa Civil, passo necessário para que seja efetivada e publicada no Diário Oficial da União.

Outros seis funcionários do alto escalão do Ministério da Educação, foram exonerados: o chefe de gabinete do ministro da Educação, Tiago Tondinelli; o secretário-executivo adjunto da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação, Eduardo Miranda Freire de Melo; o coronel que atuava como diretor de programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação, Ricardo Wagner Roquetti; o diretor de programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação, Claudio Titericz; o assessor especial do ministro da Educação, Silvio Grimaldo de Camargo e o diretor de Formação Profissional e Inovação da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj, Tiago Levi Diniz Lima.

O Planalto tenta evitar a demissão de um segundo ministro com menos de três meses de governo. Apesar do presidente Bolsonaro afirmar que Vélez Rodríguez continua à frente da pasta, fontes internas dizem que há uma pressão pela troca do ministro, que estaria atuando em prorrogação. Nomes como o de Mendonça Filho, que ocupou o cargo no governo Temer começaram a surgir. O Correio procurou o deputado para saber se houve algum aceno nesse sentido, mas Mendonça Filho não quis se pronunciar sobre o assunto. Outro nome cotado para o MEC seria o de **Anderson Correia**, presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**. A bancada evangélica também cobiça postos na pasta.

Na noite da última sexta-feira (15/3), pela quarta vez em uma semana, Vélez foi chamado ao Planalto. A especulação era de que ele poderia ser afastado pelo presidente Jair Bolsonaro. No entanto, no início da noite, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, afirmou que mantém confiança no ministro e que ele compareceu para conversas de rotina.

#### Continua depois da publicidade

Os rumores acerca da saída do ministro parecem incomodar Vélez, que escreveu no Twitter no mesmo dia: “A mídia cumpriria seu papel com os cidadãos deste país se sua real preocupação fosse informar. Qual o interesse de vocês em fomentar uma atmosfera apocalíptica? Torcer pelo sucesso do Governo é uma opção, mas vocês querem manchetes escandalosas”. Ele afirmou ainda que está ‘100% alinhado ao Planalto’ e que a “Lava jato da educação está a pleno vapor”. Até o fechamento desta reportagem, o MEC não se pronunciou sobre o assunto. O Correio ainda tentou entrevistar o ministro da Educação, mas não obteve retorno da pasta.

#### Políticas Educacionais travadas

Profissionais da área e entidades educacionais têm reclamado que as constantes crises e desavenças em que o MEC tem se envolvido, prejudicam a rotina diária da pasta e travam políticas importantes. Em meio à troca de cadeiras, a situação da educação no país segue caótica.

Um levantamento do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), mostra que até o momento, das 20 metas previstas no Plano Nacional da Educação (PNE) apenas uma foi alcançada. A lei prevê que, até 2024, todos os dispositivos do PNE, que não se restringem às metas, sejam cumpridos. Alguns dos 20 objetivos estabelecidos pelo PNE têm metas intermediárias, algumas já vencidas em 2015 e 2016, e outras que, de acordo com a projeções órgão, não cumprirão o cronograma previsto.

O Instituto Ayrton Senna também traçou um panorama da educação brasileira e aponta problemas em todos os direitos básicos da educação. Em relação ao acesso, aponta, cerca de 15% dos jovens de 15 a 17 anos – cerca de 1,5 milhão de pessoas – ainda estão fora da escola. Se falarmos do aprendizado, observemos os índices que mostram que a proficiência em Matemática ao final do Ensino Médio é praticamente igual aos resultados coletados ao final do Ensino Fundamental. O estudo aponta ainda que o Brasil tem aumentado os gastos com educação, em média, em 10% ao ano. Nos países desenvolvidos a média desse aumento fica entre 2% a 3% ao ano. Cerca de 6% da Renda Nacional Bruta são destinados à educação. São empregados aproximadamente R\$ 360 bilhões por ano em educação pública no Brasil. Apesar de todos esses esforços,

os requisitos constitucionais e as metas do PNE sequer estão sendo cumpridos.

A diretora do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF), Rosilene Corrêa afirma que a escolha do ministro Vêlez para a pasta da educação não condiz com a situação do país. Ela diz que o ministro tem perfil conservador e que a composição do MEC também mostra a intenção de retrocesso, com implementação de políticas de exclusão e de redução de acesso à educação. Ela aponta ainda que governo está focado em questões ideológicas, militarização e privatização. “Nós queremos discutir o novo Fundeb (permanente), CAQ, piso salarial nacional para todos os profissionais da educação, metas do PNE. Mas a preocupação é aprovar "O Escola Sem Partido". Investimento mesmo não se ouve falar. Essa intenção de tirar a liberdade de expressão do professor, de militarizar a educação nas escolas, não apenas no DF, mas no país também preocupa. Enquanto isso, vemos uma equipe que parece não compreender onde está”.

Para o vice-presidente da Regional Norte II do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes) e docente da área de Educação na Universidade Estadual do Pará, Emerson Duarte Monte, o governo demonstra ausência de políticas educacionais e um abandono explícito à educação no ensino superior.

“Do ponto de vista de política do MEC para o ensino superior, não se vê nada. No quesito da **CAPES**, não vemos nenhuma sinalização de retomada nos investimentos. O que vemos é a ampliação do abandono das faculdades públicas e o distanciamento do MEC de atividades de projetos para universidade federal para pesquisa e extensão. O que está sendo divulgado é a Lava Jato da educação com o argumento de que existe amplo processo de desvio nas universidades por parte de docentes para impulsionar a educação superior privada.”

A equipe costurada aparentemente às pressas, não apresenta união ou coerência, diz. “Não há unidade para desenvolver políticas educacionais para o país. A queda de ministros e esse troca-troca em curto espaço de tempo gera paralisia dos ministérios. Apesar da quase universalização da educação básica, do ponto de vista de qualidade índices baixos”, defende.

O professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Ocimar Alavarse, avalia que a confusão na pasta demonstra a falta de propostas e de planejamento do governo Bolsonaro. Ele defende que as discussões a cerca de ideologias não respondem aos problemas da educação brasileira e o que se tem é uma lacuna que persiste em quase três meses de governo.

Alavarse aponta que a execução das provas do Saeb, previstas para outubro, que demandam tempo e de difícil execução, estão paradas. Além disso, há problemas na distribuição de livros didáticos, que deveriam chegar antes do início das aulas.

“Muitas coisas estão sem resposta. O Saeb, ninguém sabe o que vai acontecer, tem que ter uma logística grande. O Enem, não tem delineação alguma. O financiamento do FIES, está com crise. Nos 5º e 9º anos também há problema em relação ao conteúdo de Ciências. O secretário executivo é pessoa chave e ainda não se sabe ao certo quem vai ser. O foco do governo deve ser na aprendizagem, na falta de material didático, financiamento, escolas sem estrutura. Mas pelo que estamos assistindo, o MEC virou



coluna social”.

A renovação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), que se extingue em 2020 é outro fator que exige atenção da administração educacional, alerta o professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Eduardo Mortimer,

“A renovação do Fundeb é fundamental, pois é ele que alavanca a questão básica. O MEC tem orçamento grande e é um fundo importante. A educação brasileira está muito prejudicada com essas crises e nada disso pode ser bem acompanhado no meio dessa confusão. Tem gente responsável que quer trabalhar, mas não consegue porque o sistema fica comprometido. Tem que colocar um ministro que leva as coisa a frente. Ele não está dando conta de administrar um órgão como o MEC. Acho que ele cai, poderia entrar uma pessoa mais gabaritada”, crítica.

Continua depois da publicidade

O aumento do número de matrículas na pré-escola e em creches, mais ofertas de escolas em tempo integral, além da qualificação, plano de carreira e melhorias nos salários dos professores são outros desafios no campo da educação para o ano de 2019, argumenta o senador Jorge Kajuru (PSB-GO). “O investimento público em educação está abaixo do percentual do PIB previsto para ser alcançado até 2024. O desempenho do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) é precário, justamente porque o Brasil ainda não investe o que precisa em educação. Ou, quando investe, padece de má gestão, Está tudo parado, não se obedece nada em cumprimento de metas, é muito triste. Isso significa o abismo em que a educação chegou, entra governo e sai governo e a educação não muda em nada”.

O senador ainda defendeu o ministro Vézé, afirmando que ele tem preparo e boas intenções. “Vézé é mais brasileiro do que muito brasileiro. Essa instabilidade é em função da exposição pública demais. Tem que sair das redes sociais, lugar do governo é trabalhando nas ruas, municípios. É muita gente tuitando e não trabalhando, o que era melhor amigo, virou inimigo. Muita patuscada”, conclui.

Dança das cadeiras  
Exonerados do MEC

Secretário-executivo - Luiz Antonio Tozi

Chefe de gabinete do ministro da Educação - Tiago Tondinelli

Secretário-executivo adjunto da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação - Eduardo Miranda Freire de Melo;

Diretor de programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação, coronel Ricardo Wagner Roquetti;

Diretor de programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação, Claudio Titericz;

Assessor especial do ministro da Educação, Silvio Grimaldo de Camargo

Diretor de Formação Profissional e Inovação da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj,  
Tiago Levi Diniz Lima

topo ↕

## DIÁRIO ONLINE - TEMPO REAL

### MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno.

(Agência Brasil)

topo ↕

## DIRETO DA CIÊNCIA - TEMPO REAL

### Capex atrasa estimativa anual para verbas de custeio da pós-graduação

Desde o final do ano passado a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capex)**, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), ainda não informou aos responsáveis pelos cursos de pós-graduação os valores e as datas de pagamento das verbas de custeio previstas para 2019.

A estimativa normalmente é apresentada às universidades no ano anterior ao exercício. Coordenadores de programas de pós-graduação ouvidos por Direto da Ciência queixam-

se de que sem essa informação enfrentam dificuldades para planejar as atividades de seus cursos.

As verbas de custeio são concedidas anualmente aos cursos de pós-graduação financiados pelo Programa de Excelência Acadêmica (Proex) da **Capes** com nota superior a 3 na escala de 1 a 7 da avaliação da agência. Os valores são utilizados, em geral, para viagens de professores convidados para bancas de mestrado e doutorado, diárias para professores visitantes, inscrições em eventos científicos para professores e alunos e traduções de artigos científicos.

“Não recebemos até agora o famoso e-mail que normalmente é enviado no ano anterior e que nos permite saber quais são os valores que poderemos usar no ano seguinte”, diz o professor Roberto Hirata, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Universidade de São Paulo (USP). Segundo ele, a ausência da estimativa está forçando a coordenação a limitar as atividades planejadas.

“Estamos fazendo nosso planejamento com base no cenário mais pessimista, que consistiria em não receber verba alguma. Antes, podíamos planejar enviar um aluno para uma apresentação no exterior, por exemplo. Nessa situação, temos que limitar esse tipo de atividade, porque é preciso fazer com que o dinheiro dure o resto do ano”, explicou Hirata.

## MEC ‘acéfalo’

Hirata atribui o atraso às turbulências da transição no Governo Federal e a uma desorganização no Ministério da Educação sob a liderança de Ricardo Vélez Rodriguez. “Até entendo o que está acontecendo. O MEC está de certa forma acéfalo, no sentido de que o novo ministro não tem muita experiência no cargo e está tendo dificuldades”, afirmou. “Estamos passando por essa dificuldade, mas acredito que ela será superada quando o governo ficar mais estável”, disse.

“Aqui também não tivemos qualquer informação ou comunicado sobre valores e prazos para repasse dos recursos da **Capes** para o programa”, disse o professor Gilberto Libânio, que coordena o Programa de Pós Graduação em Economia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

“Se houver atraso ou redução nos recursos, isso irá comprometer a realização de algumas atividades que dependem dessas verbas. No nosso caso, em particular, elas são usadas principalmente para passagens e diárias para membros de bancas de mestrado e doutorado, assim como para pesquisadores que são convidados para apresentar os seminários quinzenais da pós-graduação”, disse Libânio.

## Internacionalização

Alexandre Reily, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Física Teórica da Universidade Estadual Paulista (Unesp), destacou que as atividades proporcionadas pela verba de custeio são fundamentais para manter a qualidade da pesquisa.

“Os recursos do Proex para a nossa pós-graduação são fundamentais. Pagamos desde bancas até participação dos alunos em congressos. Estas atividades são imprescindíveis para manter a qualidade e a internacionalização do nosso programa”, declarou.

Reily afirmou, porém, que a agência do MEC já prometeu fornecer a estimativa. “Realmente fomos informados que não há data prevista para a liberação [da verba de custeio]. A **Capex** nos indicou que em breve será enviado um ofício para indicar quando os recursos serão liberados.”

Questionada por Direto da Ciência sobre o atraso para fornecer uma estimativa dos valores e datas de pagamento para a verba de custeio, a **Capex** respondeu que “o ofício está sendo finalizado e será encaminhado ainda esta semana aos coordenadores dos programas com os devidos valores e datas”.

Na imagem acima, edifício-sede da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capex)**, no Setor Bancário Norte, em Brasília. Imagem: Portal Brasil/Divulgação.

topo ↕

## **ISTOÉ DINHEIRO - SP - TEMPO REAL**

### **MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capex**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno.

topo ↕

## **JORNAL DE PIRACICABA - TEMPO REAL**

### **MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno.

topo ↕

## **O QUARTO PODER - NOTÍCIAS**

### **MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e

matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno. (MPE)

topo ↕

## **PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL**

### **MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta

em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno.

topo ↕

## **UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL**

### **MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno.

topo ↕

## **CORREIO WEB - TEMPO REAL**

### **UCB promove congresso sobre internacionalização da educação**

**O evento será entre 26 e 27 de março. As inscrições estão abertas para estudantes e profissionais**

Eu, Estudante

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília

(UCB) promove o primeiro Congresso Internacional- Internacionalização da Educação Básica e Superior. No evento, serão discutidos desafios, perspectivas e experiências, por meio de temáticas como: modelos colaborativos de educação intercultural; liderança no ensino superior: pressões e dinâmicas no contexto internacional, cinema e educação e escolas internacionais. O evento será no período de 26 e 27 de março, no câmpus Taguatiga.

O congresso é voltado para professores, diretores, coordenadores de instituições de ensino, estudantes e interessados. O objetivo é contribuir para uma ampla discussão e troca de experiências entre escolas, universidades, comunidade e organizações da sociedade civil.

O debate ocorrerá por meio de gestores, especialistas e pesquisadores de renome nacional e internacional que atuam no processo de internacionalização em contextos educacionais. Entre as atrações nacionais estará a mestre em administração pública pela Harvard Kennedy School, Priscila Cruz. Ela é Co-Fundadora e atual presidente executiva do movimento Todos Pela Educação. Dos palestrantes internacionais estão o professor Dr. Richard Maclure, Ph.D. em educação para o desenvolvimento internacional da Universidade de Stanford com certificado de professor de pós-graduação da Universidade de Londres, Reino Unido. Também participará o professor Timothy Hunt, PhD, cientista, pesquisador e diretor associado do Grupo de Intervenção Social da Universidade de Columbia (USA).

O Congresso Internacional – Internacionalização da Educação Básica e Superior conta com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

O evento será entre 26 e 27 de março, no Teatro da Universidade Católica de Brasília, do câmpus Taguatinga, nos períodos da manhã e tarde. As inscrições podem ser feitas pelo site ou por e-mail ([contato@ieducacao.com](mailto:contato@ieducacao.com)), mediante pagamento de taxa, que pode ser de R\$ 30, para estudantes; R\$ 50, para professores; e R\$ 100, para o público em geral.

topo 

## **METRÓPOLES - TEMPO REAL**

### **Ministério Público investiga venda de diplomas falsos no DF e Entorno**

#### **Acusado de estelionato, José Edson Mendonça pode estar por trás da emissão de parte dos certificados sem valor de concursados do GDF**

O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) investiga a suspeita de que um grupo responsável por emitir diplomas falsos no Distrito Federal e Entorno permanece ativo. Desde 2016, o órgão de controle apura se o dono de duas instituições de ensino fechadas – justamente por venda de certificados sem valor – continua no mercado clandestino, mas usando nomes de outras entidades.

José Edson Mendonça da Silva pode estar por trás, por exemplo, da emissão de títulos de 25 convocados no último concurso para professor da Secretaria de Educação, todos anulados por não serem reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC).

Há dois anos, o empresário teve R\$ 200 mil bloqueados por determinação do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT). Ele era dono do Grupo Educacional Master e da Faculdade Teológica Maranata (Fatema), suspeitos, na visão da Promotoria de Justiça de Defesa do Consumidor (Prodep), de “perpetrarem inúmeras



fraudes”, entre elas a de emitir diplomas falsos.

Após o encerramento dos dois grupos, José Edson teria aberto, no Setor Hoteleiro Sul (SHS), um escritório para representar a Faculdades Integradas de Cruzeiro (FIC), sediada em São Paulo, mas que jamais matriculou alunos no Distrito Federal.

Na capital federal, a FIC operava apenas como polo certificador de outras instituições. Sem chancela do MEC, os alunos recebiam diplomas sem nenhum valor. Alguns só tomavam conhecimento da fraude ao tentar tomar posse em concursos públicos.

Um advogado contou ao Metrôpoles que seu cliente passou em um certame com salário de quase R\$ 12 mil em um órgão federal de Goiás. Ao apresentar a documentação para ser empossado no cargo, foi barrado porque o documento que certifica a formação superior era ilegítimo. O defensor pediu para os nomes dele e do cliente serem preservados.

Ele cursou administração de empresas no Gênese Instituto de Formação Profissional, em Formosa (GO), que terceirizava suas certificações pela FIC, representada por José Edson no DF.

A FIC, por sua vez, fazia uma nova terceirização pela Universidade Nova Iguaçu (Unig), no Rio de Janeiro. Pelo menos três dos 25 aprovados no certame para docentes da rede pública do Distrito Federal com certificados invalidados também teriam estudado pedagogia no instituto Gênese, situado no Entorno.

A “terceirização da terceirização” é uma prática considerada ilegal pelo MEC, que anulou mais de 80 mil diplomas registrados pela Unig em todo país.

Nas redes sociais, José Edson se apresenta como o doutor Edson Mendonça, diz-se dirigente da FIC e usa o seguinte slogan: “Visão gera unidade, unidade gera crescimento e crescimento gera sucesso”.

A reportagem do Metrôpoles não conseguiu localizar José Edson. O coordenador pedagógico do Gênese Instituto de Formação Profissional, Cláudio Silva, reconheceu que a instituição tinha alguns parceiros que registravam os diplomas, mas, sem citar nomes, garantiu que atualmente só trabalha com um centro de ensino associado.

Na ação civil pública proposta pelo MPDFT contra José Edson, o promotor da Prodep Paulo Roberto Binicheski considerou haver “nítido propósito de atrair consumidores para que cursem graduação, sem nenhuma autorização estatal que torne as requeridas aptas para tanto”.

Veja:

Entenda o caso

Um grande esquema nacional de diplomas falsos foi descortinado com apurações que começaram em 2016, quando a Assembleia Legislativa de Pernambuco investigou ofertas irregulares de educação superior na chamada CPI das Faculdades Particulares. Após a conclusão dos trabalhos, os deputados pediram o indiciamento de 20 pessoas e recomendaram ao Ministério Público Federal medidas judiciais e extrajudiciais contra

as instituições.

Após a descoberta das fraudes, a Unig cancelou o registro de mais de 80 mil diplomas. Um protocolo de compromissos firmado entre a instituição de ensino, o Ministério Público Federal (MPF) e o Ministério da Educação resultou, em outubro de 2018, na anulação dos comprovantes de graduação.

O ato implicou a perda da validade nacional dos registros expedidos por diversas faculdades, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional exige o registro para que os diplomados possam exercer as funções e usar das prerrogativas em nível nacional.

De acordo com a legislação brasileira, os diplomas de curso superior só podem ter validade quando confirmados pelo Ministério da Educação. Ainda segundo as normas atuais, apenas as universidades podem formalizar o processo, já que as escolas superiores dependem de instituições indicadas pelo Conselho Nacional de Educação. Assim, a Unig funciona como “intermediária” das faculdades na validação dos documentos.

“Com a suspensão, em medida cautelar, a instituição está impedida de fazer registro de diplomas. A medida foi adotada com base em indícios de irregularidades no registro de diplomas pela instituição”, pontua o Ministério da Educação. A pasta ressalta ainda que a decisão somente foi tomada após dar, para as instituições de ensino atingidas pela medida, “o direito de ampla defesa” antes do cancelamento definitivo dos registros.

A decisão de anular os registros afeta não apenas o Distrito Federal como também ex-alunos de todo o Brasil. O assunto foi tema, por exemplo, de audiência pública realizada pela Assembleia Legislativa de São Paulo. Diversas faculdades paulistas registravam os diplomas de seus alunos por meio da Universidade Nova Iguaçu.

topo 

## **O LIBERAL - PA - ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

### **MPF defende reativação de polo do Universidade Aberta no Pará**

#### **A Prefeitura de Altamira tem 10 dias úteis para apresentar resposta. Caso contrário, procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.**

O Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado do Pará querem a reativação imediata do polo do sistema Universidade Aberta do Brasil em Altamira, no interior do estado. Eles encaminharam, nesta segunda-feira (18), uma recomendação à prefeitura de Altamira para providenciar a reabertura da unidade. Os gestores públicos terão 10 dias úteis para apresentar resposta. Se a resposta não for apresentada ou for considerada insatisfatória, os procuradores e promotores podem ingressar com ação judicial.

A Universidade Aberta do Brasil em Altamira tem cerca de 200 alunos matriculados em cursos como licenciatura em biologia e matemática e pós-graduação em sociologia e matemática. Um acordo, assinado entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade Aberta e a prefeitura de Altamira, municipalizou a gestão em 2009. Segundo o MEC, o programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância.

Em janeiro deste ano, os estudantes foram informados do fechamento da unidade pela

Secretaria Municipal de Educação, sob a alegação de que o ensino superior é responsabilidade do governo federal.

A prefeitura disponibilizava para o polo quadro de servidores composto por coordenador, técnico de informática e auxiliares de limpeza. Computadores, livros e equipamentos da União também estavam sob a guarda do município

Para o Ministério Público, a interrupção das atividades do polo da Universidade Aberta em Altamira viola a segurança jurídica e pode configurar improbidade administrativa.

A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (**Capes**), ligada ao Ministério da Educação, já notificou a prefeitura de Altamira sobre a necessidade de cumprimento do acordo ou rescisão com os ônus previstos.

A reportagem tentou contato com a prefeitura de Altamira, mas, até o fechamento desta edição, não obteve retorno.

topo ↕

## **PORTAL VEJA - TEMPO REAL**

### **DEM deve ganhar espaço no Ministério da Educação**

#### **Por ora, Ricardo Vélez fica no cargo**

As últimas horas mudaram os ventos que sopravam fortemente contra o ministro Ricardo Vélez.

Sua situação parecia insustentável depois de medir forças com Olavo de Carvalho — o guru dos Bolsonaro que tem no Ministério da Educação um exército de olheiros zelando para que o pensamento do mestre seja o balizador das decisões.

O que fez o presidente adiar por ora a demissão de Vélez foi a reforma da Previdência. Bolsonaro não quer um desgaste desta natureza no auge de delicadíssimas negociações.

Mesmo o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, notório desafeto de Vélez, apoiou sua sobrevida.

Os olhos se voltam agora para a escolha do número dois da pasta. Vélez chegou a anunciar Ioleni Silva, ex-diretora de um colégio batista, mas as costuras políticas neste momento são com o DEM.

O cálculo do governo é de que um agrado ao partido de Rodrigo Maia viria em boa hora. Enquanto os bastidores do poder estão em ebulição, nada anda no MEC.

## **SEGS - PORTAL NACIONAL - TEMPO REAL**

### **Mestrado profissional em conservação e sustentabilidade: inscrições abertas**

Estão abertas as inscrições para a nova turma do Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável da ESCAS - Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade. Com professores atuantes no mercado da conservação socioambiental e direcionado às questões práticas da sustentabilidade, o curso tem nota 4 da **CAPES** (a nota máxima é 5) e destina-se aos mais variados perfis profissionais, seja do setor privado, governamental ou não-governamental. Imerso na Mata Atlântica, o campus da ESCAS, em Nazaré Paulista (SP), é um ambiente propício para compartilhamento de aprendizagem em conservação e sustentabilidade e construção de conhecimentos inovadores para transformar realidades.

"Somos um Mestrado Profissional diferente dos cursos tradicionais. Nosso diferencial está em extrair o melhor de cada profissional, de cada aluno, de forma com que ele possa influenciar o setor socioambiental de maneira positiva, dentro de sua área de atuação. Incentivamos a criação de projetos inovadores, que possam ser verdadeiramente aplicados", comenta a coordenadora Cristiana Martins.

O Mestrado Profissional da ESCAS tem 11 anos e formou 120 mestres. De acordo com levantamentos da Escola, 41% dos mestres formados atuam hoje em instituições governamentais, 32% no setor privado, 25% em Organizações da Sociedade Civil e 2% em universidades. Quase 40% dos alunos que passaram pelo mestrado conseguiram ingressar no mercado de trabalho da conservação ou sustentabilidade por meio da rede de contatos formada pelo curso.

"O curso foi determinante para um novo momento meu na área profissional. Entender melhor a dinâmica profissional do terceiro setor, bem como o melhor engajamento de programas/projetos e ideias ou negócios inovadores foi relevante para que buscasse um melhor desenvolvimento e envergadura profissional. Também considero importante a amplitude de networking construído ao longo do curso que fortaleceu o meu desenvolvimento pessoal, propiciando novas oportunidades de diálogo e novas perspectivas profissionais", afirma Thiago Guedes, engenheiro agrônomo e coordenador Institucional do Instituto Viverde

A marca do curso é a qualidade e o contato com os desafios reais da sustentabilidade. Uma das disciplinas, por exemplo, é a Resolução de Desafios, quando os alunos são colocados frente a um projeto real que precisam executar em apenas uma semana.

Durante o mestrado, os alunos também têm contato com profissionais que estão na vanguarda da conservação socioambiental. A chance de poder acompanhar de perto projetos que são executados pelo IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas também é uma possibilidade enriquecedora. O Instituto tem 27 anos e é reconhecido por sua atuação em pesquisas científicas, educação ambiental, restauração florestal e envolvimento comunitário para a conservação da biodiversidade brasileira.

As inscrições vão até o dia 03/06/2019: <http://mestrado.escas.org.br/2019>. Inscrições completas até o dia 31/03/2019 terão 50% de desconto na taxa de inscrição.

#### Sobre o IPÊ

O IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas é uma organização brasileira sem fins lucrativos que trabalha pela conservação da biodiversidade do país, por meio de ciência, educação e negócios sustentáveis. Fundado em 1992, tem sede em Nazaré Paulista (São Paulo), onde também fica o seu centro de educação, a ESCAS - Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade.

Presente nos biomas Mata Atlântica, Amazônia, Pantanal e Cerrado, o Instituto realiza cerca de 30 projetos ao ano, aplicando o Modelo IPÊ de Conservação, que envolve pesquisa científica de espécies, educação ambiental, conservação de habitats, envolvimento comunitário, conservação da paisagem e apoio à construção de políticas públicas. Além de projetos locais, o Instituto também desenvolve trabalhos em diversas regiões, seguindo os temas Áreas Protegidas, Áreas Urbanas e Pesquisa &

Desenvolvimento (Capital Natural e Biodiversidade).

Para o desenvolvimento dos projetos socioambientais, o IPÊ conta com parceiros de todos os setores e trabalha como articulador em frentes que promovem o engajamento e o fortalecimento mútuo entre organizações socioambientais, iniciativa privada e instituições governamentais.

topo ↕

## AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

**Com nome de operação, Lava Jato da Educação ainda é protocolo de intenções**  
**Esforço deve organizar respostas a irregularidades já apontadas em programas**  
Anunciada há pouco mais de um mês pelo Ministério da Educação, com nome de operação e a presença do ministro da Justiça, Sergio Moro, a chamada Lava Jato da Educação ainda não contempla de fato uma investigação.

A iniciativa surgiu para padronizar e tornar mais claros os processos de resposta a questionamentos dos órgãos de controle, inicialmente os já feitos em anos anteriores, sobre irregularidades na pasta. Os resultados ainda devem demorar a aparecer.

No dia 14 de fevereiro, o MEC divulgou nota sobre um acordo firmado com Moro e representantes da CGU (Controladoria-Geral da União) e AGU (Advocacia-Geral da União). No texto, a pasta afirmava que "uma investigação feita pela nova gestão do MEC pode dar início à Lava Jato da Educação". Pelas redes sociais, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) reforçou que a Lava Jato da Educação estava na praça.

"Há algo de muito errado acontecendo: as prioridades a serem ensinadas e os recursos aplicados. Para investigar isso, o Ministério da Educação, junto com Ministério da Justiça, Polícia Federal, Advocacia e Controladoria Geral da União, criaram a Lava-Jato da Educação", publicou o presidente no início de março.

Até a semana passada, a equipe do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, não havia identificado por conta própria indícios além daqueles já apontados pela CGU ou TCU. Os dois órgãos não receberam novas informações do MEC e também não houve abertura de inquéritos na Polícia Federal.

Questionado pela Folha, o MEC não forneceu detalhes sobre quais indícios estariam no alvo desse esforço. Na divulgação inicial, a pasta citou indícios de "favorecimentos indevidos" no ProUni (Programa Universidade para Todos), desvios no Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), concessão ilegal de bolsas de ensino a distância e irregularidades em universidades federais.

A ideia de criar um protocolo mais claro sobre irregularidades surgiu da avaliação de servidores, ligados à secretaria-executiva do MEC e da área jurídica, de que evidências apontadas em auditorias acabavam represadas na pasta. Além disso, a nova equipe não queria se comprometer em fornecer respostas com base em informações não totalmente conhecidas.

Relacionar o protocolo à operação Lava Jato saiu do MEC como forma de dar visibilidade à ação, uma vez que o MEC não tem conseguido apresentar outras iniciativas. Antes de bater o martelo, a equipe do MEC foi ao general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ministro da Secretaria de Governo, que orientou sobre o formato.

De oficial, até agora, há a assinatura de um protocolo de intenções entre MEC, Ministério da Justiça, CGU e AGU com prazo de um ano, podendo ser prorrogado. A pasta trabalha neste momento para formatar uma espécie de roteiro para que indícios sigam do controle interno do ministério até os órgãos de controle e investigação.

A Polícia Federal só entraria em casos de altíssima gravidade —o que ainda não está no radar a partir das informações coletadas.

Segundo Claudia Costin, professora da FGV, o fato de colocar toda a máquina sob suspeita pode intensificar a atual paralisia na pasta. "O risco maior é que isso tira o foco das tarefas urgentes, como a implementação da Base Nacional Comum Curricular, a melhoria da formação de professores. É mais uma dispersão daquilo que realmente interessa [na atuação do Ministério da Educação], que é urgência de melhorar o aprendizado das crianças", diz ela, que é colunista da Folha.

Na crise enfrentada na pasta na semana passada, que envolveu reformulações de cargos, pessoas ligadas ao escritor Olavo de Carvalho (incluindo servidores do ministério) usaram o que chamam de Lava Jato da Educação para atacar o ministro e sua equipe. Olavistas argumentavam que demissões e transferências seriam para enfraquecer as investigações.

O MEC chegou a divulgar nota oficial reafirmando o compromisso com a iniciativa. Enfraquecido na disputa, o ministro Vélaz Rodriguez fez três menções ao tema nas redes sociais durante a semana. Na sexta-feira (15), publicou mensagem em que afirma que a "Lava Jato da Educação está a pleno vapor".

Na postagem, cita novos termos de cooperação com a Procuradoria-Geral da República e publica uma foto de uma reunião.

O encontro foi realizado na quinta-feira na 1ª Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal, órgão sem competência de investigação. O encontro não tratou da Lava Jato da Educação e, segundo a assessoria de imprensa da PGR (Procuradoria-Geral da República), não houve assinatura de novo termo de cooperação

Esse novo acordo específico deve tratar da fiscalização relacionada a diplomas falsos e não está pronto. No ano passado, o MEC e a Câmara firmaram acordo para aprimorar monitoramento e fiscalização de transferências do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).

Em nota, a CGU afirmou que, por se tratar de trabalho em andamento, as informações sobre o que será investigado são sigilosas, assim como as informações sobre a abertura de procedimentos. O Ministério da Justiça não respondeu aos questionamentos da reportagem.

topo ↕

## **BLOG DO LAURO JARDIM - BLOG**

### **378 mil servidores federais à espera do que fazer**

O MEC possui 378 mil servidores. Nenhum ministério civil tem tantos funcionários. É a pasta com a maior folha de pagamento da Esplanada — R\$ 3,8 bilhões por ano.

Todos eles parados, esperando que o ministro Vélez Rodrigues comece a trabalhar.

topo ↕

## **TERRA - TEMPO REAL**

### **MBA Saneamento Ambiental: curso EAD com módulo presencial em Londres promove a qualificação dos profissionais do setor**

Com o objetivo central de qualificar profissionais que atuam na gestão pública ou setor privado nas áreas de saneamento e recursos hídricos, a Fundação Escola de Sociologia e Política - FESPSP, em parceria com a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental - ABES e UNIABES, promove o Curso de MBA Saneamento Ambiental - modalidade Educação a Distância (EAD). As aulas da segunda turma terão início em maio.

A gestão eficiente e qualificada do saneamento básico no Brasil é um grande desafio, mesmo após a promulgação da Lei 11.445, em 2007. Esta importante lei estabeleceu as diretrizes para o saneamento básico e incorporou a drenagem de águas pluviais, a limpeza urbana e o manejo de resíduos sólidos no conjunto dos serviços essenciais à qualidade do meio ambiente e à saúde pública.

Embora estabelecendo imprescindíveis instrumentos de gestão, e considerando a publicação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 12.305/2010), o país ainda enfrenta grandes problemas no setor. São altos índices de perdas de água tratada, baixos índices de tratamento de esgoto, ineficiência dos serviços de saneamento e graves questões relacionados aos resíduos sólidos.

Além disso, a Medida Provisória 868, que revisa o Marco Legal do Saneamento (Lei 11.445), trará grandes mudanças para o setor.

Neste contexto, o Curso MBA Saneamento Ambiental EAD, que já está em sua segunda turma, apresenta conteúdos avançados, elaborados por professores especialistas e técnicos com atuação prática e dedicação nas modalidades que compõem o setor de saneamento e recursos hídricos brasileiro - nos âmbitos público e privado.

"A formação do aluno tem atenção permanente aos processos de desenvolvimento do setor no país, com seus desafios legais, sociais e econômicos e de regulação, e um olhar especial para as principais experiências globais em saneamento. Neste sentido, o curso terá também enfoque para estudos de casos", ressalta o Professor Elcires Pimenta Freire, coordenador do curso.

O MBA Saneamento Ambiental EAD contempla ainda uma semana de estudos presenciais em Londres, por meio do Módulo Executivo Internacional na London School of Economics and Political Science (LSE), considerada uma das principais instituições de ensino do mundo, casa de 18 vencedores do Prêmio Nobel. O módulo no LSE possibilitará ao aluno conhecer e discutir as principais experiências e desafios globais em saneamento.

#### **Tecnologia**

O curso é oferecido predominantemente na modalidade de Ensino a Distância (EAD), em uma plataforma especialmente construída e customizada para o MBA Saneamento Ambiental. Os alunos têm acesso a diversas ferramentas tecnológicas, incluindo videoaulas, aulas, palestras online e ao vivo, apostilas, roteiros e exercícios de fixação,

chats e fóruns temáticos. Uma tutoria especializada acompanha a jornada acadêmica dos alunos e faz a mediação de atividades, conteúdos e interações professor-aluno.

Acesse os Módulos do MBA Saneamento Ambiental EAD neste link:

<https://mbappp.com/saneamento/sobre/>

Para mais informações e inscrições: [mbasaneamento@fespsp.org.br](mailto:mbasaneamento@fespsp.org.br) ou: 11 3123 7800 - Ramal 838

Início das aulas em maio de 2019

Acesse o site: <https://mbappp.com/saneamento/>

Website: <https://mbappp.com/saneamento/>

## **DIÁRIO DE PERNAMBUCO - PE - BRASIL**

### **Indicada ao MEC diz que ensino deveria vir da Bíblia**

Anunciada como secretária executiva do Ministério da Educação, segundo cargo mais importante da pasta, a educadora Iolene Lima já defendeu que o ensino deveria ser baseado “na palavra de Deus”. Em um vídeo de 2013, durante entrevista ao canal de TV evangélico Feliz Cidade, afirmou que o “primeiro matemático e geógrafo foi Deus” e “as crianças começam a ter contato com essas matérias no primeiro livro da Bíblia sagrada, o Gênesis”. Ela também defendeu organizar o currículo escolar “a partir das escrituras”.

A escolha de Iolene foi antecipada pelo blog de Renata Cafardo, do jornal O Estado de S. Paulo, na manhã do dia 14. De tarde, o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, confirmou a informação, mas a nomeação ainda não foi publicada no Diário Oficial da União.

A educadora, que é evangélica, dirigiu uma escola batista em São José dos Campos, no interior paulista, que afirma em seu site ter “conteúdos curriculares dentro da cosmovisão bíblica”. Atualmente, atua na Secretaria de Educação Básica do MEC, à espera da promoção.

Na entrevista, Iolene diz que “uma educação baseada em princípios é uma educação baseada na palavra de Deus”. “O aluno vai aprender que o autor da história é Deus, o realizador da geografia é Deus. Deus fez as planícies, o relevo, o clima. O primeiro matemático foi Deus”.

Em outro trecho, ela exemplifica sua tese. “Uma coisa é o aluno ouvir: ‘Olha, você não pode escovar o dente com a torneira aberta’. Outra coisa é o aluno ouvir: ‘Você não pode porque tem um princípio bíblico que diz que você precisa cuidar de tudo, que é o princípio da mordomia. Deus deu, mas não é para esbanjar, é para cuidar””, diz.

Se realmente assumir o posto, Iolene ocupará a vaga de Luiz Antonio Tozi, demitido na semana passada. De perfil técnico, ele havia trabalhado para o governo de São Paulo e fazia parte de um grupo que vinha aconselhando Vélez a dar um novo direcionamento para o ministério. Outros dois grupos brigam por poder na pasta: os chamados “olavistas”, ligados ao escritor Olavo de Carvalho - considerado “guru do bolsonarismo” - e os militares. A disputa política instalada no MEC já provocou o afastamento de sete funcionários, além do atraso de ações rotineiras, como a compra de



livros didáticos. Não há nem sequer garantia de que Vélez vá continuar no cargo. Procurada ontem, a reportagem não conseguiu contato com Iolene.

topo ↕

## **J. DO COMMERCIO - PE - BRASIL** **Nº 2 do MEC defende ensino pela Bíblia**

Rápidas

Anunciada como secretária executiva do Ministério da Educação, segundo cargo mais importante da pasta, a educadora Iolene Lima defendeu em entrevista que o ensino deveria ser baseado “na palavra de Deus”. Em um vídeo de 2013, durante entrevista ao canal de TV evangélico Feliz Cidade, Iolene diz que o “primeiro matemático e geógrafo foi Deus” e que “as crianças começam a ter contato com essas matérias no primeiro livro da Bíblia Sagrada, o Gênesis”. Ela também defendeu organizar o currículo escolar “a partir das escrituras”. Sua nomeação ainda não foi oficializada. Seu nome foi anunciado pelo ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodrigues, pelo Twitter, na quinta-feira (14). A pasta tem passado por uma crise interna. A reportagem não conseguiu contato com Iolene.

topo ↕

## **AQUI ACONTECE - TEMPO REAL**

### **Presidente da Fapeal assume vice-presidência do Conselho Nacional das Faps**

O Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) concluiu nesta sexta (15) a primeira edição do ano de seu Fórum Nacional, realizado na sede do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em Brasília (DF).

Na ocasião, a entidade, que reúne as 26 Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs) dos estados brasileiros e do Distrito Federal, além de parceiros nacionais e internacionais, escolheu sua nova diretoria, para o biênio de 2019-2020.

O novo presidente do Confap é o professor Evaldo Vilela, agrônomo com PhDs no Japão, Alemanha e Estados Unidos, que desde 2014 está à frente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). A vice-presidência do Conselho passa ao professor Fábio Guedes, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal).

O Confap é uma associação estratégica na articulação estadual do Sistema de Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação e participa ativamente das discussões orçamentárias das agências federais ligadas ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (CNPq e Finep, a Financiadora de Inovação e Pesquisa) e do Ministério da Educação (**Capes, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**).

“Dialogando, cooperando e ousando como a ciência nos ensina, vamos formar uma parceria muito boa e tentaremos servir, à altura, os interesses das Fundações Estaduais e do sistema de C,T&I brasileiro”, afirma o professor Fábio Guedes. O economista e doutor em administração pública está à frente da Fapeal desde 2015.

O vice-presidente eleito do Confap acrescentou, ainda, que pode trazer também uma boa experiência da articulação das Fundações que compõem a regional Nordeste e que pode servir de exemplo para novas ações integradas entre as FAPs de todo o País.

“Trabalhamos de forma muito articulada e nessa perspectiva podemos contribuir ainda

mais”, avaliou.

Guedes também agradeceu especialmente aos professores Zaira Turchi (Fapeg, Goiás) e Cláudio Furtado (Fapesq, Paraíba), ex-presidente e vice, mencionando “apoio e excelente gestão” do Confap, durante o biênio 2017-2018.

por Assessoria

topo ↕

## **PORTAL ÉPOCA - TEMPO REAL**

### **"DISCURSO DE VÉLEZ TEM COMPONENTE IDEOLÓGICO E NARRATIVA PERSECUTÓRIA", DIZ FILÓSOFO**

#### **Para Ivan Domingues, a obra do ministro tem forte componente do “nós contra eles”**

Assim que chegou ao Brasil, o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, foi informado pelo seu orientador na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro de que, ao contrário das suas intenções, seus trabalhos se voltariam para a filosofia brasileira. Colombiano de Bogotá, Vélez Rodríguez tinha em mente pesquisar a América Latina. Com 31 anos, terminou sua dissertação sobre o caudilho gaúcho Júlio Prates de Castilhos (1860-1903), notável do começo da República brasileira. De lá para cá, Vélez Rodríguez acumulou uma obra acadêmica eclética, mas debruçou-se com mais dedicação sobre filósofos brasileiros.

Sob a tutela do jurista e filósofo Miguel Reale – pai do ex-ministro da Justiça Miguel Reale Jr., um dos autores do pedido de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff -, Velez fez parte de um grupo cujo mérito foi colocar os estudos da filosofia brasileira na agenda. Até então, a tradição da academia era se debruçar apenas sobre as obras de filósofos portugueses, franceses e alemães.

Na entrevista a seguir, Ivan Domingues, especialista em filosofia brasileira e professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais, avalia a obra de Vélez Rodríguez. Doutor pela Universidade de Paris, Sorbonne, Domingues diz que a obra do ministro tem forte componente do “nós contra eles”, uma narrativa persecutória “para dar o direito de perseguir”. “Eu noto um forte componente ideológico, que aparece mais claramente nos embates políticos, mas também está presente, de forma por vezes não tão clara, em seus textos”, afirma Domingues.

Qual a relevância acadêmica da obra do ministro Ricardo Velez?

Antes de mais nada, gostaria de registrar meu estranhamento pelo fato de todo mundo agora, depois que o senhor Vélez Rodríguez foi designado ministro da Educação, procurar a academia e querer saber se a obra do ministro tem relevância acadêmica. Recentemente houve um filósofo que foi ministro da Educação e ninguém perguntou pela relevância acadêmica de Renato Janine, que era reconhecida. Posso falar isso com tranquilidade porque não sou petista e não importa se ele ficou pouco tempo. O certo é que Renato tinha carreira com interface com a educação, tinha experiência acumulada e goza de visibilidade dentro e fora da filosofia. No caso de Vélez, trata-se de alguém bastante desconhecido da sociedade em geral e mesmo de amplos segmentos da comunidade filosófica. Vélez não era a primeira opção do governo Bolsonaro (antes o escolhido foi Mozart Neves, que era do ramo, ex-reitor ligado ao Instituto Ayrton Sena e, no entanto, foi vetado pela bancada evangélica) e acabou sendo indicado por Olavo de Carvalho. No entanto, Vélez tem expressão num grupo específico de intelectuais,

ainda que limitado, e tem ideias e pautas para a educação.

É possível mensurar essa relevância?

Você está me perguntando pela relevância e a medida. As duas coisas vão juntas e a resposta não é fácil, nem intuitiva, para quem está fora da academia. Por um lado, abarca reputação e popularidade, e aqui a ideologia e o fator subjetivo pesam. Por outro lado, há os rankings, os índices de impacto, as premiações e os comitês, e aqui os números e os índices ajudam a medir as produções e a relevância daquilo que é feito na academia, ainda que eu tenha mais de uma reserva sobre esse tópico, como já mostrei em vários artigos. Sobre Vélez, o grupo dele e o que eles fazem, é preciso considerar de saída que eles não são do mainstream nem do que se faz pelo mundo afora, nem dentro do Brasil. Estou dizendo isso, mesmo considerando uma área como a filosofia, que é caracterizada pela diversidade, mas ainda assim apresenta certos padrões que nos permitem identificar uma obra e um grupo de obras. Um parâmetro importante (para a aferição) é a internacionalização da produção filosófica brasileira, hoje bem maior. Hoje os filósofos, assim como os cientistas brasileiros, têm interlocução pelo mundo afora e o nosso antigo provincianismo foi vencido. Outro parâmetro importante são as bolsas do CNPq e o sistema de avaliação da **CAPES**, que funcionam de acordo com padrões e procedimentos de instituições e órgãos internacionais assemelhados.

O que os índices da **CAPES**, do CNPq e dos congressos internacionais mostram?

Eu não quero generalizar e cometer injustiça, mas o que fica evidenciado é que, no tocante à internacionalização, a do grupo do Vélez se dá antes de tudo com Portugal, e um pouco menos com a América Latina, mesmo quando a Universidade de Geórgia é referida e localizada no Estado do mesmo nome nos Estados Unidos. No tocante ao CNPq, certamente há pesquisadores do grupo que recebem algum apoio para financiamento de viagens e de pesquisas, mas quase nada do principal e que serve de parâmetro, que é o sistema de bolsas PQ, considerado a joia da coroa. No tocante a **CAPES**, à exceção do credenciamento de programas com características usuais, ao longo do tempo houve o fechamento de todos os programas sobre pensamento brasileiro, problemas brasileiros e filosofia brasileira, acomodados nos Departamentos de Filosofia, como o da Gama Filho, que hoje não existe mais, assim como o da UERJ e o da UFJF, descredenciados pela **CAPES** ao longo dos anos oitenta e noventa.

O ministro atribuiu o fechamento desses programas à perseguição?

Sim, da parte de Vélez e do grupo, há um discurso da perseguição, chegando-se a alegar que a **CAPES** e o CNPq foram tomados pelos comunistas. Só que não é bem assim: tanto a **CAPES** quanto o CNPq se pautam pelo pluralismo e a diversidade. Entre os programas de pós-graduação credenciados pela **CAPES** não faltam o pensamento brasileiro em diferentes campos das ciências humano-sociais e há uma tremenda diversidade de áreas e linhas de pesquisa nos 47 programas de pós-graduação existentes. Quanto ao CNPq, quem fizer um levantamento das atividades financiadas notará que se pesquisa de tudo em filosofia: Platão, Aristóteles, Kant, Rousseau, Hannah Arendt e Rawls, além de lógica para-consistente, meta-ética, metafísica, filosofia da ciência, pensamento feminista e questões de gênero, inclusive filosofia brasileira, havendo mais de uma semelhança ao que se passa em outros pontos do globo. Por tudo isso, considero o discurso sobre a perseguição da **CAPES** e do CNPq sem fundamento e, portanto, não vem ao caso considerá-lo, devendo as causas das dificuldades ser buscadas em outro lugar.

## O ministro pertencia a algum grupo de filósofos?

Sim. Antes liderado por Miguel Reale, já falecido, e mais recentemente por Antônio Paim, que hoje está na casa dos 90 e por isso com pouca atuação. Até onde sei, a origem mais remota do grupo está o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), sediado em São Paulo, liderado por Miguel Reale, que no passado fora ligado ao Partido Integralista e depois se afastou, passando a adotar posições mais próximas do liberalismo conservador, para adotar uma terminologia ao gosto do ministro Vélez. Diga-se que até os anos 50 e 60 o IBF fazia as vezes de sociedade filosófica e de fórum nacional de filosofia, marcando as atividades com o selo do pluralismo, convidando para seus congressos colegas de outras hostes, como Padre Vaz e Lívio Teixeira. Mais tarde, depois que a **CAPES** passou a implantar os programas de pós-graduação, mestrado e doutorado, houve o grande cisma que dividiu a filosofia ao meio, ou quase, naqueles anos, e cuja unidade – se é que existiu um dia – nunca mais foi refeita.

## Que cisma foi esse?

Trata-se da crise da PUC-Rio de 1979, provocada pela suposta censura de um texto de Miguel Reale, levando à recusa de sua publicação numa apostila de curso, e que iria levar à polarização sem volta entre Antônio Paim e Padre Henrique Vaz, que terminou arrastado pela crise e publicou um artigo muito duro na Revista Encontros com a Civilização Brasileira em defesa de sua reputação e de suas ideias. O que se seguiu foi o realinhamento da área, com o epicentro do terremoto localizado no Rio de Janeiro, com a maioria dos colegas se agrupando no Rio e em outras regiões junto à Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), fundada em 1976, e depois à Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), fundada em 1983, e que herdou a área já cindida, atraindo a grande maioria dos professores e estudantes.

## Quais são as características do grupo integrado por Vélez?

O grupo do pensamento brasileiro e, ainda, da filosofia luso-brasileira, se caracteriza pela idiossincrasia e a autocelebração, patentes nos escritos de todos eles, ao menos de todos que eu li, e como aliás pode ocorrer com vários grupos, conhecidos pelo mesmo tribalismo e a autopromoção. Não tenho nada de pessoal contra este ou aquele, e se divergência há é de ordem acadêmica.

## O senhor considera que as publicações do ministro têm viés ideológico?

Eu diria que têm sim. Eu noto um forte componente ideológico, que aparece mais claramente nos embates políticos, mas também está presente, de forma por vezes não tão clara, em seus textos. Por um lado, há uma agenda nacionalista, no meu modo de ver algo descosida, com o Brasil e o pensamento brasileiro no centro da agenda, mas alinhados a Portugal e a uma ideia obscura de “civilização ocidental e cristã”, dando causa a uma razão Atlântica e íbero-americana. Por outro, como aliás ocorre em certos segmentos da esquerda, eu noto que há uma disputa pela narrativa e os legados. No caso de Vélez e de seu grupo, a narrativa persecutória, para dar o direito de perseguir. E isto é preocupante: o nós contra eles, a intolerância, a ideia de que eles são ideológicos e nós não, e assim por diante. Acrescento ainda, nesta busca da hegemonia e do controle da narrativa, a existência de uma agenda defasada e conservadora, com a pauta dos costumes nada ajustada às diferenças e aos tempos atuais, marcada no meu modo de ver por propósitos infelizes e expedientes mal-ajambrados, com o ministro estipulando o Hino Nacional nas escolas fundamentais, depois voltando atrás e criticado por todo mundo. Por fim, uma agenda que se quer liberal, e mesmo liberal-conservadora, ao se

colocar na companhia de Tocqueville e dos whigs da Inglaterra, como pretende o ministro Vélez, mas que de fato, em matéria de costumes, se coloca na retaguarda de segmentos hard dos conservadores norte-americanos, que em algumas regiões do país propõem e efetivam políticas de estado para os costumes. Daí a impressão de Elio Gaspari, com seu fundo de razão, de que no Brasil não há exatamente conservadores, mas atrasados.

Que tipo de defasagem?

Um exemplo dessa defasagem é o anticomunismo visceral que caracteriza o grupo, levando Vélez em entrevistas depois da posse a tentar defenestrar Paulo Freire, reconhecidamente um dos nossos grandes ícones em educação, alegando o seu marxismo militante, com a simpatia do PT de Lula e da militância de esquerda. Tudo isso como se vivêssemos em plena Guerra Fria e na era do macarthismo, levando a alinhamentos automáticos e a intransigências ideológicas, com direito a patrulhas e a banimentos, e num país culturalmente defasado e tão pobre de heróis e ícones como o Brasil. E o que é importante: Paulo Freire hoje não é um autor comunista, sua concepção pedagógica transcende os partidos políticos, ele é hoje o pensador brasileiro mais citado nos EUA e é considerado uma referência mundial, com centro de estudos na Suíça e pelo mundo afora dedicados ao seu pensamento. Um ícone de nossas letras e motivo de orgulho nacional, portanto, e não um inimigo da pátria.

Quais são as posições políticas do grupo ao qual Vélez pertence?

Eles que se dizem liberais-conservadores, traduzindo em linguagem mais clara, notaremos que há diferenças. Enquanto Paim se definia como liberal intransigente e era ligado ao PFL e depois ao DEM, o próprio Vélez dirá de si mesmo em sua página do Facebook, em 2014, que ele simpatiza com a monarquia – monarquia constitucional, bem entendido – e concorda com Dom Bertrand de Orleans e Bragança. Conforme Vélez, “ele é uma brava voz que se levanta contra a podridão em que a petralhada ajudou a afundar o Brasil. Tivéssemos monarquia, não estaríamos às voltas com todas estas lambanças. O monarca, de há muito, teria dissolvido o parlamento e convocado a novas eleições para renovação do elenco!”. Embora reconheça a liberdade de pensamento e o direito de qualquer um ter opiniões políticas discrepantes, ressalto que esta é uma declaração bizarra e preocupante, feita por alguém que pouco tempo depois se converterá em ministro de um governo eleito de modo democrático e que nunca desdisse o que dissera antes e colocando no mesmo saco liberais sociais-democratas, republicanos, socialistas e comunistas.

Por que o senhor acha essa declaração preocupante?

Tal dito me leva a perguntar como tornar coerente a defesa da Escola Sem Partido, alinhada à pauta conservadora dos costumes das igrejas neopentecostais, e a agenda do liberalismo que só diz a que veio ao ar livre e se pauta por uma escola laica e plural. Parece que se trata de uma escola com partido, sim, e tal situação de fato me leva a indagar, além do mais, acerca do que vai acontecer com a agenda da nossa educação nos próximos anos. Nós que estamos nas derradeiras posições do índice Pisa, que mede a performance dos estudantes que estão no final do ensino médio, nós que somos um dos países mais desiguais do mundo. Será que vamos resolver os nossos problemas com moral e cívica, bandeira verde-amarela e hino nacional?

topo ↕

**PORTAL ÉPOCA - TEMPO REAL**  
**AS LIÇÕES DO CAOS NO MEC**

## **A gestão atabalhoada do ministro Ricardo Vélez Rodriguez em seus primeiros dois meses de mandato permite que se tenha duas informações valiosas sobre a fotografia do governo Bolsonaro**

A primeira é que o governo não sabe como lidar com Olavo de Carvalho. No Palácio do Planalto, há a convicção de que o presidente não quer o filósofo como inimigo porque teme o impacto que um racha com olavistas poderá ter em sua base virtual — que é a única que Bolsonaro tem demonstrado ouvir até o momento. Mostra disso é o inventário de demissões dos últimos dias no MEC. A pedido de olavistas, Bolsonaro mandou Vélez se livrar do coronel Ricardo Roquetti, então homem forte da pasta que se tornou alvo de Olavo depois de cortar asas dos alunos do filósofo que foram contratados no ministério. Vélez cumpriu a ordem a contragosto, mas prometeu a Roquetti, com o aval de Bolsonaro, que ele será realocado ou no Ministério da Economia ou no de Ciência e Tecnologia. Além de ter conquistado Vélez, conforme mostra reportagem da ÉPOCA, Roquetti também tem um bom relacionamento com Paulo Guedes, o que lhe garante certo respaldo presidencial.

Após a queda de Roquetti, todos os seus indicados permaneceram em seus respectivos cargos, numa sinalização de que não se tratava de uma substituição de um grupo inteiro — e sim de uma fritura individual. Ao se darem conta disso, olavistas passaram a pedir a cabeça de Luiz Antonio Tozi, secretário-executivo e aliado indicado por Roquetti. O ministro cedeu e demitiu Tozi. Restam ainda outros nomes: **Anderson Correia**, na **Capes**; e Tania Leme de Almeida, que, assim como Tozi, vem do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, na chefia da Secretaria de Educação Básica.

Rubens Barreto, outra indicação de Roquetti, chegou a ser anunciado como novo secretário-executivo no lugar de Tozi, mas, dada a estridência dos olavistas, sua nomeação sequer chegou a ser publicada — e Vélez decidiu colocar em seu lugar a evangélica Iolene Lima. Ocorre que também Iolene, de São José dos Campos, é apadrinhada pelo grupo de Roquetti. O coronel, que fez carreira no ITA, em São José, havia escolhido Iolene como adjunta de Tania Almeida.

O que acontece, portanto, no MEC, é um constrangedor jogo de esconde: o governo Bolsonaro tentando ver se engana Olavo de Carvalho, que prega publicamente a saída de toda a turma de Roquetti da pasta. Já o filósofo, sem agredir frontalmente Bolsonaro, testa sua força batendo de frente com a gestão do segundo maior Orçamento da Esplanada.

A segunda informação valiosa é que a nomeação de ideólogos sem qualquer base de apoio técnico e político é de frágil sustentação. Vélez precisa de Roquetti porque, sem ele, não terá de onde tirar quadros para ocupar o MEC. Sua experiência como teórico do “pensamento brasileiro” não lhe gabarita para gerir a pasta. Precisa, portanto, de ajuda. Se não puder contar com Roquetti, em quem confia, estará liquidado. O grupo olavista, que imaginara que o trabalho de um gestor no MEC seria elocubrar tratados contra Paulo Freire, levou um susto ao perceber que se tratava de um maçante exercício de elaboração de editais, contratos e cumprimentos de regras. Por isso, não são uma opção para Vélez.

O chanceler Ernesto Araújo, que afiou o discurso “antiglobalista” para cair nas graças de Bolsonaro, segue a trilha do ministro da Educação. Enfraquecido no Itamaraty, não tem conseguido garantir embaixadas a aliados e nem sequer é certo que consiga fazer o

embaixador brasileiro nos Estados Unidos. Araújo defende Nestor Forster Junior, também admirador de Olavo de Carvalho, enquanto o núcleo militar gosta do nome de Murillo Aragão, que não é diplomata.

Trata-se do tipo de constrangimento a que nem o último chanceler, Aloysio Nunes, nem seus antecessores petistas ou tucanos tiveram de se submeter. Desafetos de Araújo espalham no Itamaraty que ele se esforça para emplacar Forster pensando em si mesmo -- ao emplacar um auxiliar, visaria a garantir um posto para si em caso de demissão. As nomeações nas principais embaixadas da Europa e da Ásia também estão paralisadas. Do Palácio do Planalto vieram ordens para que nada mude antes de um exame detalhado dos nomes pelos militares.

topo ↕

## PORTAL EXAME - TEMPO REAL

### **Microrganismos são os maiores emissores de carbono em águas da Amazônia Poucos trabalhos investigaram a participação no ciclo do carbono da biomassa presente em águas das regiões alagáveis, que abrangem 20% do bioma amazônico**

Um novo estudo verificou que a teia alimentar microbiana responde pela maior parte do carbono circulante em lagos, várzeas e planícies inundáveis da Amazônia.

“Nosso trabalho concluiu que a quantidade de carbono que circula na teia alimentar microbiana das regiões alagáveis amazônicas é até 10 vezes maior do que o carbono circulante na cadeia alimentar clássica, que envolve fitoplâncton e zooplâncton”, disse Hugo Miguel Preto de Moraes Sarmiento, professor no Departamento de Hidrobiologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Apoiado pela FAPESP, o estudo foi publicado na revista Hydrobiologia.

Pela sua enorme extensão, a Amazônia tem papel fundamental no ciclo de carbono do planeta – que precisa ser compreendido para se poder mensurar a dimensão e as consequências das mudanças climáticas globais. Daí a importância de quantificar os estoques e fluxos de biomassa das diversas cadeias alimentares amazônicas, terrestres ou aquáticas.

A maioria dos estudos que buscam quantificar o ciclo de carbono na Amazônia parte da análise da biomassa terrestre (plantas e animais) ou então da biomassa na água dos grandes rios, como o Solimões.

Até o momento, poucos trabalhos científicos investigaram a participação no ciclo do carbono da biomassa presente em águas das regiões alagáveis, que abrangem nada menos do que 20% de todo o bioma amazônico. E esses estudos levam em conta apenas o ciclo de carbono da cadeia alimentar clássica, que inclui fitoplâncton (produtores primários) e zooplâncton, peixes e invertebrados (consumidores primários, secundários e detritores).

O novo estudo investigou a chamada teia alimentar microbiana, que se refere às interações tróficas combinadas entre todos os microrganismos em ambientes aquáticos, o que inclui bactérias, algas microscópicas (fitoplâncton), microrganismos unicelulares como ciliados (protozoários) e flagelados, além de invertebrados.

“Nosso trabalho buscou verificar e quantificar no sistema amazônico as interações na teia alimentar microbiana em dois momentos, na estação úmida, quando o nível das

“águas é mais elevado e a teia alimentar é mais simples (menos interações), e na estação seca, quando a quantidade de água é menor e a teia alimentar se torna mais complexa, com mais interações”, disse Sarmento.

Para coletar o material do estudo, os pesquisadores elegeram o Puruzinho, um lago muito estreito e sinuoso de quase 8 quilômetros de comprimento que fica num afluente do rio Madeira, no estado do Amazonas. Foram coletadas 30 amostras de água cerca de meio metro abaixo da superfície, no fim de maio de 2014, durante o final da época chuvosa na Amazônia, quando as áreas inundadas atingem seu nível máximo, e no final de outubro do mesmo ano, na estação seca, quando o nível do lago é o mais baixo.

“O lago é raso, com profundidade máxima de 11 metros. Portanto, não há diferença relevante na composição microbiana das águas coletadas a meio, a 2 ou a 5 metros de profundidade, uma vez que a coluna de água é homogênea. Seria diferente caso o lago fosse mais profundo, com a formação de duas ou mais camadas de água com temperatura e oxigênio dissolvido diferentes”, disse Sarmento.

Biodiversidade desconhecida

No laboratório, foi feita a contagem da quantidade de bactérias, de fitoplâncton, de ciliados e flagelados e de zooplâncton presentes nas amostras.

Sarmento explica que, em 1 mililitro de água do lago (equivalente a três gotas), espera-se encontrar cerca de 1 milhão de bactérias. Já os vírus, muito menores (e que não foram contabilizados no trabalho), são cerca de 10 milhões. Quanto ao fitoplâncton, há cerca de 10 mil na mesma quantidade de água. No caso do zooplâncton, trata-se de organismos muito maiores, alguns inclusive visíveis a olho nu. Daí o que se espera é encontrar cerca de 10 animais do zooplâncton em 1 litro de água do lago.

“No caso do fito e do zooplâncton, a contagem é feita com microscópio óptico invertido, contando e medindo os organismos um a um. No caso das bactérias, usamos o citômetro de fluxo, o mesmo equipamento usado em laboratórios de análises clínicas para contar a quantidade de plaquetas e células no sangue”, disse o pesquisador.

Outro passo importante da pesquisa foi fazer o rastreamento (screening) genômico, de modo a determinar quais são os diferentes grupos de bactérias na amostra – descrito em outro artigo publicado recentemente pelo mesmo laboratório na revista *Freshwater Biology* (Flood pulse regulation of bacterioplankton community composition in an Amazonian floodplain lake). O trabalho mostrou que as bactérias, além de numerosíssimas, são muito diversas e variam muito de tamanho.

Para estimar o total de carbono nas amostras de forma precisa, foi necessário verificar quais eram os grupos de bactérias presentes e as quantidades de cada uma, de modo a poder inferir quanto cada grupo aporta de carbono no cômputo geral.

“O rastreamento genômico revelou outro dado muito interessante. Cerca de 60% das bactérias nas amostras pertenciam a espécies e gêneros ainda desconhecidos. Muitos microrganismos só identificamos no nível da família. Seus gêneros permanecem desconhecidos. Isso demonstra o quanto ainda não se sabe sobre a biodiversidade microbiana nos rios e lagos da Amazônia”, disse Sarmento.



O passo seguinte foi estimar o total da biomassa microbiana (do carbono) que existe, em média, em cada mililitro de água do lago Puruzinho, coletada na estação chuvosa e na estação seca.

Foi assim que os pesquisadores puderam constatar a diferença de uma ordem de grandeza entre as quantidades de carbono da teia alimentar microbiana nas águas do lago (em média 245,5 microgramas por litro) e da cadeia alimentar clássica (24,4 microgramas por litro), formada por fito e zooplâncton.

Em outras palavras, 90% da quantidade de carbono no lago Puruzinho circula na teia alimentar microbiana. Se essa mesma relação servir de parâmetro para estimar o total de carbono circulante na teia alimentar microbiana de todas as áreas alagáveis da Amazônia, o que se verifica é que, sob qualquer ponto de vista, a quantidade de carbono na região ainda é muito subestimada.

Outro dado curioso que despontou da análise geral dos resultados foi a constatação de que a grande maioria dos microrganismos da teia alimentar microbiana no Puruzinho, tanto em diversidade como na quantidade de carbono acumulado, é formada por heterotróficos, ou seja, consumidores primários, secundários e detritores.

Os microrganismos autotróficos – algas unicelulares que constituem o fitoplâncton e que realizam fotossíntese – perfazem um volume incompatível com o sustento da teia alimentar do lago.

De acordo com o estudo, os produtores primários microbianos do lago não são em número suficiente para metabolizar o carbono necessário para sustentar a teia alimentar lá existente. A dúvida é de onde vem a maioria do carbono utilizado pelos consumidores microbianos primários e secundários.

“Nossa hipótese é que a maior parte do carbono nas águas do Puruzinho seja proveniente de folhas, material em decomposição e partículas orgânicas do húmus e da serapilheira da floresta circundante”, disse Sarmento.

“Na ausência da teia trófica microbiana, todo esse carbono acumularia no fundo do lago e ficaria sequestrado no lodo e no sedimento. Mas o que se verifica é que muito do carbono que escorre das margens é reciclado na cadeia microbiana, retornando para a atmosfera nas formas de gás carbônico e de metano, que são gases do efeito estufa. Cada elemento desta teia trófica participa do ciclo de carbono na atmosfera”, disse.

Agora que os pesquisadores sabem quais são os integrantes da teia trófica microbiana no lago Puruzinho, os próximos passos da pesquisa envolvem descobrir o que aquelas bactérias estão fazendo.

“Queremos entender a ligação da matéria orgânica terrestre com os sistemas aquáticos e saber de onde vem toda a matéria orgânica consumida no lago. Queremos também saber especificamente o que é produzido no lago e o que é proveniente da floresta, de modo a entender melhor os fluxos de carbono na Amazônia”, disse Sarmento.

Participaram da pesquisa publicada na revista *Hydrobiologia* cientistas das universidades federais de Juiz de Fora, do Rio de Janeiro e de Rondônia e da

Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O trabalho também contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

O artigo Plankton community interactions in an Amazonian floodplain lake, from bacteria to zooplankton (doi: <https://doi.org/10.1007/s10750-018-3855-x>), de I. B. Feitosa, V. L. M. Huszar, C. D. Domingues, E. Appel, R. Paranhos, R. M. Almeida, C. W. C. Branco, W. R. Bastos e H. Sarmiento, está publicado em <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10750-018-3855-x>; e o artigo Flood pulse regulation of bacterioplankton community composition in an amazonian floodplain lake (doi: 10.1111/fwb.13198), de Melo, M. L.; Bertilsson, S. ; Amaral, J. H. F.; Barbosa, P. M.; Forsberg, B. R.; Sarmiento, H., 2018, está publicado em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/fwb.13198>.

topo ↕

## **AGÊNCIA CÂMARA - TEMPO REAL**

### **Governo retira de tramitação proposta da área educacional elaborada por gestão Temer**

O governo decidiu retirar de tramitação o Projeto de Lei 11279/19, que atualmente aguarda análise na Câmara dos Deputados. A mensagem de retirada, assinada pelo presidente Jair Bolsonaro e publicada nesta segunda-feira (18) no Diário Oficial da União, não informa as razões do governo.

O projeto foi elaborado pela gestão Michel Temer. O texto trata de diversos temas ligados à administração da educação pública federal. Entre outros pontos, cria duas universidades a partir do desmembramento da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), acaba com o mestrado e doutorado acadêmicos nos institutos federais e com a cota de 20% das vagas para formação de professores da educação básica. Cria ainda o conceito de “matrícula-equivalente” para calcular a participação do ensino médio nos institutos federais.

O projeto foi muito criticado por especialistas e representantes sindicais da educação pública, que alegam que ele fragiliza os institutos federais. Em fevereiro, estudantes do ensino técnico se reuniram com membros da Frente Parlamentar em Defesa dos Institutos Federais para discutir a proposta.

topo ↕

## **AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL**

### **Faculdade de Direito da USP desafia MP de Bolsonaro e autoriza desconto sindical em folha**

#### **Decisão vale para quatro professores que solicitaram o repasse; diretor da faculdade vê inconstitucionalidade em exigência de boleto**

SÃO PAULO

A Faculdade de Direito da USP (Universidade de São Paulo), uma das mais tradicionais do país, autorizou que quatro professores de seu quadro de docentes tenham contribuições sindicais descontadas diretamente de seus contracheques.

A decisão afronta determinação da Medida Provisória 873, publicada pelo governo no Carnaval, segundo a qual o recolhimento das contribuições deve ser feito exclusivamente por boleto bancário ou equivalente eletrônico.

O pedido para o repasse direto partiu dos próprios professores Jorge Luiz Souto Maior,

Marcus Orione Gonçalves Correia, Flávio Roberto Batista e Ronaldo Lima dos Santos. Eles são filiados ao Sintusp (sindicato dos trabalhadores da USP) e à Adusp (associação dos docentes da universidade).

Floriano de Azevedo Marques Neto, diretor da faculdade que concedeu a autorização, ressaltou que a MP exige expressa autorização do empregado para o recolhimento da contribuição, o que, segundo ele, foi cumprido com folga pela solicitação dos professores.

O diretor reconheceu que o pedido dos docentes para desconto em folha desafia a nova redação dada à lei, mas considerou a regra do boleto bancário "bastante discutível".

"Neste ponto, não se pode desconhecer a inconstitucionalidade pontual da MP. Tal como posto, o dispositivo tolhe o direito individual do servidor de solicitar que se faça um desconto em folha para mobilizar uma contribuição de seu interesse."

Marques Neto comparou a determinação a uma proibição de que o servidor fizesse um empréstimo consignado, modalidade em que o crédito também é descontado diretamente de contracheques.

"Tomamos a iniciativa de fazer esse requerimento mesmo sabendo que contraria o texto do novo artigo da CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], modificado pela MP, porque acreditamos que essa nova redação viola frontalmente a Constituição e afeta uma das liberdades civis mais básicas que existem, que é liberdade de associação", disse à Folha o professor Flávio Roberto Batista.

A Conacate (Confederação Nacional das Carreiras Típicas de Estado) já entrou com uma ação no STF (Supremo Tribunal Federal) questionando a constitucionalidade do trecho da MP que revoga a possibilidade de o servidor público autorizar o desconto da contribuição na folha.

## BRIGA NA JUSTIÇA

A Medida Provisória com alterações no recolhimento da contribuição sindical tem sido alvo de questionamentos também na Justiça comum.

Na sexta-feira (15), a Petrobras avisou a FUP (Federação Única dos Petroleiros) que não descontará contribuições sindicais do contracheque de seus funcionários já a partir de março.

"A responsabilidade pela emissão do boleto será de cada sindicato", disse a estatal em carta à federação, destacando que a empresa está se adequando à MP.

Mas o Sindipetro (sindicato dos petroleiros) de Alagoas e Sergipe havia obtido na mesma sexta uma decisão liminar (de caráter temporário) na Justiça de Sergipe determinando que a Petrobras não suprima da folha os descontos das mensalidades dos empregados filiados ao sindicato.

Varas federais do Rio de Janeiro já acataram dois pedidos de servidores públicos e autorizaram, também por liminar, os respectivos sindicatos das categorias a descontarem contribuições sindicais mensais aprovadas em assembleia direto do

contracheque dos funcionários.

Alguns magistrados, no entanto, começam a discordar.

Mauricio de Moura Pecanha, juiz substituto na 3ª Vara do Trabalho de São Leopoldo (Rio Grande do Sul), rejeitou liminar do sindicato dos trabalhadores em transportes rodoviários da cidade solicitando que os descontos de contribuições sindicais e assistenciais fossem feitos dos salários dos funcionários e repassados à entidade.

O sindicato argumentou que as convenções coletivas das quais é signatário preveem contribuições recolhidas em folha e disse que a ausência dessa sistemática causa imenso prejuízo às entidades sindicais.

No entendimento de Pecanha, no entanto, "nem a entidade representativa, nem a negociação coletiva, detêm poder jurídico de criar obrigações para os trabalhadores que não desejam ser associados daquela entidade".

"É certo que prever que a contribuição sindical é devida por todos os trabalhadores da categoria, exceto por aqueles que manifestarem oposição, significa criar obrigação para pessoas que não mantêm qualquer vínculo associativo com a entidade, em evidente afronta à lei", afirmou o juiz.

Pecanha disse também que, apesar de o sindicato assegurar o direito de oposição a quem não quiser ter a contribuição recolhida, "exigir dos trabalhadores, muitas vezes pessoas humildes, que busquem tomar conhecimento do conteúdo de cláusulas normativas, de negociações coletivas que jamais participaram, que compareçam em assembleias de categoria, comparecimento que não tem nenhum cunho de obrigatoriedade, que tomem ainda conhecimento de prazos para lançar oposição (sendo que muitas vezes terão que tomar conhecimento até mesmo do que é oposição), significa impor obrigações que na maioria das vezes se tornarão inexequíveis".

O magistrado afirmou, no entanto, não ignorar "as insuperáveis dificuldades financeiras enfrentadas pelas entidades sindicais" e "o risco concreto e iminente de completa inviabilização, pela simples falta de arrecadação, da continuidade das atividades" dos sindicatos.

Para ele, a situação é fruto da atual legislação "elaborada e aprovada com nítido conteúdo ideológico contrário ao da proteção do trabalho e das entidades que o representam". A reforma trabalhista aprovada no governo de Michel Temer acabou, por exemplo, com o imposto sindical, que era recolhido obrigatoriamente de todos os trabalhadores em março.

"No entanto, entendimento ou vontade alguma podem prevalecer frente à lei, ainda que não seja uma boa lei. E neste caso, a lei me parece clara, ainda que não me pareça a melhor", completou o magistrado.

topo ↕

**G1 - TEMPO REAL**

**Aperfeiçoamento profissional para conquistar novas posições no mercado**

**Visando tanto quem ainda não conseguiu uma colocação quanto os que desejam mudar de cargo e até de profissão, o Senac Ceará oferece cinco mil vagas em mais de 260 turmas.**

A dinâmica do mundo comercial é cada vez mais intensa, com transformações acontecendo o tempo inteiro na maior parte das áreas. Se manter atualizado com essas mudanças é fundamental para assegurar uma posição no mercado de trabalho e mais ainda para quem deseja ir além e conquistar novos espaços, seja no ambiente em que já está inserido ou num lugar diferente. Com essa visão, o Senac abre mais de 260 turmas de cursos em diversas áreas nos meses de março e abril, totalizando mais de cinco mil vagas distribuídas nas cidades de Fortaleza, Maranguape, Sobral, Iguatu, Quixadá, Aquiraz, Itapipoca, Crato e Juazeiro do Norte.

A área de Informática tem cursos voltados tanto para o aperfeiçoamento quanto para qualificação. Uma das principais novidades é a turma de Desenvolvimento de Protótipos em Arduíno: Introdução a Robótica, onde o aluno que já tem conhecimentos de sistema operacional e lógica de programação aprenderá técnicas para criar, desenvolver e implementar protótipos eletrônicos. Entre os cursos básicos, há turmas de Administrador de Redes, Cadista, Dashboard - Painéis Dinâmicos no Excel, dentre outras.

Para os que desejam se especializar na área de beleza, há turmas que abordam técnicas e tratamentos específicos, como de Corte de Cabelo Masculino, Corte e Mechas Masculinas, Técnicas Avançadas de Corte Feminino, Maquiagem Avançada e Maquiagem para Fotografia. Essas são turmas em que é preciso ter conhecimentos prévios, como cursos básicos de qualificação, para participar. Mas também há formações para quem quer iniciar no segmento, como os de Barbeiro, Maquiador e Cabelereiro.

Outra área bastante procurada por quem deseja começar uma nova carreira é a de Gastronomia, que também tem turmas para pessoas com diferentes níveis de conhecimento na área. Com atenção especial para quem quer aproveitar a Páscoa e lucrar, há cursos como a de Formação Básica em Chocolateria e a de Chocolates e Ovos para a Páscoa. Outros cursos bastante procurados são relacionados à panificação, como Pães Artesanais com Fermentação Natural, Pães Tradicionais Franceses e Preparo de Pães Caseiros.

Os cursos da área de Gestão podem ajudar não apenas quem exerce ou deseja exercer essas funções como funcionário de uma empresa, mas também aqueles que gerenciam seus próprios negócios ou têm o sonho de empreender. Entre as turmas em oferta, estão Negociação e Vendas, Desenvolvimento de Habilidade Gerenciais, Excelência no Atendimento e Inteligência emocional.

Há ainda cursos em diversas outras áreas, como Fotografia (incluindo Fotografia de moda e Fotografia Digital Avançada) e Saúde (entre eles, Limpeza de Pele Profunda e Cuidador infantil), Segurança Alimentar, Hospitalidade e Meio Ambiente.

De acordo com Sidarta Cabral, gerente de Desenvolvimento e Tecnologia Educacional do Senac Ceará, os cursos são uma boa oportunidade de entrar em novos ramos ou mesmo complementar conhecimentos, já que, muitas vezes, é necessário unir conhecimentos de áreas distintas para inovar ou desempenhar melhor uma função:

“algumas pessoas têm experiências diversas e precisam fazer com que essas informações se encontrem. Alguém que veio da gestão e passa para a gastronomia, por exemplo, precisa desenvolver novas técnicas. Um curso de formação ajuda a fazer com que esses caminhos se encontrem, proporcionando novas ferramentas, habilidades e competências”.

## Serviço

Informações e inscrições pelo site: <http://cursos.ce.senac.br/>.

Senac Centro: Avenida Tristão Gonçalves, 1245, Centro, Fortaleza. (85) 3270.5400

Senac Aldeota: Rua Tibúrcio Cavalcante, 1750, Aldeota, Fortaleza. (85) 3433.3884

Senac Crato: Praça da Sé, 596, Centro, Crato. (88) 3586.8750

Senac Juazeiro: Rua São Luís, s/n, São Miguel, Juazeiro do Norte

Rua Vicente Patu, 782 - Franciscano, Juazeiro do Norte, (88) 3566.8950

Senac Iguatu: Rua 13 de Maio, 1134, Centro, Iguatu - (88) 3582-7750

Senac Quixadá: Rua Presidente Kennedy, s/n, Alto São Francisco - (88) 3582.7793

Senac Maranguape: Rua Coronel Manoel Paula, 175, Centro, Maranguape - (85) 3270.5424

Senac Sobral: Rua Dr. João do Monte, 980, Centro, Sobral - (88) 3677.8700

Senac Cedro: Rua Adauto Castelo, 222, Centro, Cedro - (88) 3582.7798

Senac Aquiraz: Rua Pedro Brasil, 210, Centro, Aquiraz - (88) 3270.5850

Senac Itapipoca: Rua Pergentina Araújo, s/n, Centro, Itapipoca - (88) 3677.8747

Senac Rede EAD (Educação a distância): [www.ead.senac.br](http://www.ead.senac.br) - (85) 3270.5466/67

topo 

## G1 - TEMPO REAL

**Como professora brasileira entre 10 melhores do mundo quer revolucionar escola pública**

**Criadora de projeto de ensino de robótica com sucata, Débora Garofalo está entre 10 finalistas do Global Teacher Prize, principal prêmio mundial da área de educação; em entrevista à BBC News Brasil, apresentou propostas para melhorar educação no país.**

Quando criança, Débora Garofalo pediu à mãe uma pequena lousa com giz de presente. Com o brinquedo sempre em mãos, passou a dar aulas aos coleguinhas com dificuldade de aprendizado na escola. Hoje, aos 39 anos, a brasileira que, por opção, sempre lecionou em escolas públicas, está entre os 10 melhores professores do mundo.

Garofalo é finalista do Global Teacher Prize 2019, o prêmio internacional mais prestigiado da área da educação. O ganhador será anunciado no dia 24 de março. Ela concorre com professores da Grã-Bretanha, Holanda, Índia, Austrália, Geórgia, Índia, Japão, Argentina, Quênia e EUA.

No dia a dia como professora de tecnologias da escola EMEF Almirante Ary Parreiras, na capital paulista, Garofalo agrega à lousa outros instrumentos para ensinar.

Pelas mãos dela e de seus alunos, que têm entre 6 e 14 anos, o lixo jogado nas ruas das favelas de São Paulo se transforma em soluções para problemas da comunidade. Garrafas pet, vidro, restos de fiação viram filtro de água, semáforo, máquina de sorvete, e até tecnologia de energia renovável para substituir o gato elétrico em casas da favela.

"Coletamos lixo das ruas das comunidades próximas à escola e fizemos um primeiro

carrinho movido a balão de ar. Esse carrinho virou febre e, no dia seguinte, tinha criança do lado de fora me esperando com materiais recicláveis querendo fazer o carrinho", disse Garofalo à BBC News Brasil.

Assim nasceu o projeto "Robótica com Sucata" - que virou referência no Brasil e ganhou a atenção do mundo.

Em quatro anos, mais de 700 kg de lixo foram retirados das ruas pelos estudantes; o resultado da EMEF Almirante Ary Parreiras no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb), que mede a qualidade do ensino, subiu de 4.2 para 5.2; e alguns alunos de Garofalo já decidiram que querem ser físicos, engenheiros ou programadores.

"Um dos meus primeiros alunos passou agora em física na USP. É um orgulho enorme", conta a professora, que é formada em Letras e Pedagogia.

Garofalo diz que, se ganhar o prêmio de US\$ 1 milhão daquele é considerado o "Nobel da educação", vai reverter todo o dinheiro na construção de laboratórios de robótica em escolas públicas do país. "E, se eu não ganhar, já fica a lição de que é possível fazer grandes coisas com poucos recursos e que precisamos aprender a inovar", afirma.

Em entrevista à BBC News Brasil, ela defende que, para gerar entre os jovens interesse em estudar, as escolas precisam "reinventar" a forma como o conteúdo é repassado. Segundo a professora, as novas gerações não aprendem da mesma maneira que as anteriores, de olho no quadro negro.

"A escola precisa ser atrativa e dar sentido prático ao que é ensinado. E os professores devem envolver as crianças na resolução de problemas, torná-las protagonistas do aprendizado. O meu papel é, junto com eles, errar, testar, fazer com que cheguem às conclusões e criem, sem simplesmente entregar a eles as respostas."

Crítica do projeto Escola sem Partido, Garofalo defende que a solução para melhorar a qualidade da educação básica no Brasil "não passa por gastar dinheiro público fiscalizando professor em sala de aula".

"Eu acho essa discussão totalmente infundada. Sou professora há 14 anos e nunca vivenciei isso (doutrinação). Meu papel é fazer com que meus alunos sejam críticos e reflitam sobre diversos assuntos, sem emitir minha opinião pessoal, mas debatendo diversas vozes e opiniões."

Veja os principais trechos da entrevista de Garofalo à BBC News Brasil:

BBC News Brasil- Como surgiu a ideia de usar lixo para ensinar robótica?

Débora Garofalo - Quando comecei a dar aula de tecnologia na escola, vi que muitos dos meus alunos não vinham para a escola em dia de chuva por causa da questão do alagamento ocasionada pelo lixo. E eles diziam que o lixo incomodava, gerava ratos, insetos e doenças, como dengue. Isso começou a me causar inquietação e me gerou uma reflexão. Não adianta falar de robótica, programação, animação se eu não envolver essa questão do lixo que, para eles, é tão importante e fundamental.

Eu propus, então, que a gente fosse para a rua e fizesse um percurso. Nesse percurso, era para começarmos a recolher lixo, para ver que tipo de sucata era essa, e tentar reutilizar o material. Criamos, com o que foi coletado, um carrinho movido a balão de ar. E esse primeiro carrinho virou uma febre, porque um começou a contar para o outro.

No dia seguinte, tinha criança do lado de fora me esperando com materiais recicláveis querendo fazer o carrinho também. Aí eu pensei: acho que a gente encontrou o caminho para estruturar um trabalho de robótica com uma intervenção social, para que as crianças possam sensibilizar a própria comunidade e intervir na própria história. Aí nasce a proposta de robótica com sucata.

BBC News Brasil - O que vocês conseguiram criar com sucata desde que o projeto foi criado, há quatro anos?

Débora Garofalo - Foi um processo evolutivo. No começo, a gente já criou avião, barco, robôs, consoles, máquina de sorvete, máquina de refrigerante, helicóptero, baratinha robótica. Eram brinquedos que eles sempre quiseram ter e não tinham. Depois de um tempo, houve uma mudança de olhar deles. Eles perceberam que poderiam intervir em problemas sociais da comunidade.

Temos uma avenida que não tem semáforo, então criamos um semáforo inteligente. Tivemos incêndios dentro da comunidade ocasionados pela questão da irregularidade da energia, então decidimos criar uma casa com energia sustentável, inclusive com temporizador para economia de energia. Temos alunos com necessidades especiais, então fizemos um sensor para as cadeiras deles, para que pudessem ter maior autonomia. Então, a gente vê essa evolução sob outro viés, que é o de realmente atacar os problemas do dia a dia. Eles perceberam que eram capazes de criar soluções com tecnologia, inventividade e criatividade.

BBC News Brasil- Há alunos de escolas públicas que não recebem apoio em casa para estudar, precisam acumular responsabilidades, como cuidar de irmãos mais novos, ou até trabalhar para complementar a renda familiar. Como atrair a atenção dessas crianças para a escola?

Débora Garofalo - A escola precisa ser reinventada, precisa ser atrativa. Doía no começo, porque meus alunos não se achavam capazes. Eles não sentiam que havia perspectiva. No projeto de robótica, senti uma grande diferença nos alunos mais indisciplinados. Eles passaram a ser os que mais se dedicavam a fazer os protótipos. Houve uma mudança de cultura. A gente precisa trazer a tecnologia como propulsora do aprendizado nas escolas. Esses meninos nasceram nessa era da tecnologia e internet. As escolas ainda têm lousa e giz, mas os alunos aprendem de forma diferente.

Ouvir o aluno também é fundamental. O meu trabalho foi construído com base nas vozes deles. A gente sabe que, no mercado hoje, tudo está sendo automatizado. A inteligência artificial já faz parte do nosso dia a dia. Temos sistema de voz no o iPhone, por exemplo. A escola tem que se adaptar a esse novo momento. Não estou exigindo que meus alunos saiam de lá programadores, mas que eles trabalhem na escola o raciocínio lógico, entendam os dados de programação, sejam crítico e reflexivos.



BBC News Brasil - É essencial mostrar que a educação na escola pode solucionar problemas reais e que pode ter efeitos práticos imediatos?

Débora Garofalo - Sim, o aluno se envolve quando sente que pertence. É possível perceber pela voz dos meus alunos que eles estão envolvidos, eles falam com propriedade do que fizeram para solucionar os problemas. Então, envolver essas crianças na resolução de problemas é fundamental para tirá-las da passividade e levá-las ao centro do processo de aprendizagem. Elas viram protagonistas. Meu papel é mediar esse conhecimento. É errar e testar junto com os alunos, e fazer com que eles cheguem às conclusões sem que eu entregue as respostas.

BBC News Brasil - Que dificuldades você vivencia trabalhando em escola pública?

Débora Garofalo - Eu sou fruto da escola pública. E é onde eu acreditava que poderia fazer diferença na vida das crianças, mesmo tendo oportunidade de lecionar em escola particular. Mas a realidade de uma escola pública não é fácil. Hoje atuo numa escola cercada por quatro grandes favelas e, antes, trabalhei em outras escolas públicas. Vemos dificuldade de alimentação dos alunos, dificuldade de os pais estarem presentes no processo de ensino, dificuldade de não ter infraestrutura e recursos para desenvolver um trabalho. É importante que a escola e o professor levem em conta a realidade específica da comunidade onde a escola está inserida.

BBC News Brasil - Quando a gente olha para os países com melhores resultados de ensino, todos têm em comum valorização de seus professores - não só com bons salários, mas também prestígio e oportunidades de crescimento na carreira. Você sente que é valorizada como professora no Brasil?

Débora Garofalo - A situação dos professores não é fácil. Existe uma grande desvalorização docente. Não temos incentivos para ser professor no Brasil. O problema já começa na formação. O professor sai da faculdade despreparado para enfrentar a sala de aula. Não há treinamento prático suficiente nos cursos de pedagogia e licenciatura. O meu curso de magistério foi muito melhor que a faculdade. Eu me tornei professora graças ao magistério, não à universidade, porque lá tinha a possibilidade de enfrentar o chão da escola, diferentemente da faculdade (de letras e pedagogia).

E a gente também não vê formação continuada para os professores. O professor tem que estudar muito e sempre, porque as coisas mudam - ele precisa dessa atualização. Outro ponto essencial é envolver o professor em políticas públicas de educação. Muitas vezes, essas políticas públicas vêm de cima para baixo. Por fim, temos que valorizar o que o professor já faz nas escolas, porque muitas das soluções para o ensino já existem em alguma sala de aula.

BBC News Brasil - Sobre valorizar o que já existe em sala de aula, o que precisaria ser feito? Falta intercâmbio de informações entre instituições?

Débora Garofalo - A gente ainda encara a escola como uma ilha. Aqui no Brasil funciona assim. A universidade deveria estar dentro da escola pública, a comunidade também. Eu busco muitas parcerias. Fiz um trabalho sobre cyber bullying e trouxe uma defensora pública do núcleo dos direitos das mulheres para falar sobre os problemas envolvidos em compartilhar fotos íntimas de meninas na internet.

Na escola, há muitas crianças que trabalham, então eu fiz um projeto de conscientização sobre trabalho infantil e chamei uma promotora do Ministério do Trabalho para conversar não só com os alunos, mas também com os pais. A gente precisa integrar a escola à sociedade e abrir as portas para fomentar o diálogo.

BBC News Brasil - O contato com robótica despertou em alguns alunos interesse em trabalhar com tecnologia e robótica?

Débora Garofalo - Um aluno que participou da primeira leva do projeto passou agora em física na USP. Ele está em São Carlos e vai seguir nessa área. Ontem meu aluno Richard disse que quer trabalhar com animação em games, porque o curso de tecnologias na escola despertou esse interesse e ele gostou de programação. Tenho várias meninas que querem ser engenheiras nucleares. Essas crianças não tinham perspectiva e, quando você vê um aluno de escola pública passando na USP, é motivo de muito orgulho, principalmente na comunidade em que estão inseridos. Eu sempre falo que não é o lugar que determina quem eles podem ser, são eles próprios.

BBC News Brasil - O Brasil acaba de vivenciar uma tragédia, com dois jovens matando alunos e professores de uma escola pública de Suzano, em SP. Tendo como base sua experiência como professora, você enxerga caminhos para impedir que esse tipo de violência aconteça?

Débora Garofalo - Falta um aparato psicológico nas escolas. As escolas não estão preparadas para lidar com isso hoje em dia. E essa proposta de dar armas aos professores eu acho um absurdo. Não vai resolver nada. Só aumenta o massacre. Nós não somos policiais, nossa arma é nossa voz. A gente precisa é investir em políticas públicas e inserir cuidados sócioemocionais nas escolas.

É fundamental uma parceria na área da saúde para que haja uma atenção psicológica aos alunos. O crime foi planejado há um ano e meio. A gente não sabe o que ocorreu com esses meninos, mas a gente sabe que algo que pode ser melhor trabalhado nas escolas é a questão sócioemocional.

BBC News Brasil - Um dos principais temas em debate hoje no Brasil, quando se fala em educação, é a proposta Escola Sem Partido, que serviria para evitar um suposto doutrinação nas escolas. Qual a sua opinião sobre isso?

Débora Garofalo - Eu acho essa discussão totalmente infundada. É um desperdício com dinheiro público usar recursos da educação para fiscalizar professor. Eu sou professora há 14 anos e nunca vivenciei isso (doutrinação) em sala de aula. As salas de aula são locais de reflexão. Estou lá para fazer com que meus alunos sejam críticos e reflexivos sobre diversos assuntos, sem emitir minha opinião pessoal, mas debatendo diversas vozes e opiniões.

Acho que a gente tem que parar de falar de Escola Sem Partido. Não é só professor que faz a educação. Ele é parte disso, mas toda a sociedade tem responsabilidade e é necessário que todos abracem a sua escola. A única coisa que transforma uma vida é educação e a gente tem que parar com debates infundados e começar a buscar soluções.

Temos que investir em alfabetização, em formação dos professores e incluir os professores na elaboração de políticas públicas.

topo ↗

## G1 - TEMPO REAL

**Projeto de lei que propõe que o hino de Curitiba seja executado uma vez por semana nas escolas municipais é aprovado em 1º turno**

**Votação realizada nesta segunda-feira (18) foi unânime. Eu acho importante para que a gente possa resgatar aquele amor à pátria, o civismo, aquela coisa que tinha antigamente, disse autor da proposta.**

O projeto de lei que tramita na Câmara Municipal e propõe que o hino de Curitiba seja executado uma vez por semana nas escolas municipais foi aprovado, por unanimidade, pelos vereadores em 1ª turno nesta segunda-feira (18).

A iniciativa é do vereador Rogério Campos (PSC). A execução do hino já é prevista em lei municipal sancionada em 2002 – porém, com outra frequência. Atualmente, o hino de Curitiba é executado uma vez por mês.

Além disso, hoje a lei diz que hino Nacional seja executado semanalmente, enquanto o hino da Bandeira deve ser executado uma vez ao bimestre.

"O Hino nacional, de Curitiba e o da Bandeira devem ser executados e entoados, respectivamente, uma vez por semana, uma vez por mês e uma vez ao bimestre, pelos alunos e professores dos estabelecimentos de ensino do Município", diz o artigo 1º da lei 10.536/02.

Ou seja, na realidade, a proposta do parlamentar é para alterar a lei municipal, aumentando a frequência da execução do hino de Curitiba.

O projeto do vereador também aponta como os alunos devem colocar a lei em prática. De acordo com a proposta, os alunos precisam ficar em fila no pátio, em posição de sentido e com a distância ajustada entre si. Eles não podem usar bonés, chapéus e lenços na cabeça.

O autor do projeto ainda quer que a execução do hino do Paraná seja obrigatória uma vez por bimestre, assim como o hino da Bandeira.

O que diz o vereador

"Eu acho importante para que a gente possa resgatar aquele amor à pátria, o civismo, aquela coisa que tinha antigamente de os alunos se organizarem, fazer fila, colocar a mão no ombro do coleguinha da frente, ter espaçamento. O hino Nacional, o hino da cidade – os nossos hinos – contam a história da cidade, do país, da bandeira do estado como vai ser colocado na emenda amanhã", afirmou Rogério Campos.

O vereador disse que os hinos trazem patriotismo e reflexão que todos devem cuidar do país e da cidade.

"Eu já tinha apresentado esse projeto, então não estou surfando em onda de presidencialismo, de questões eleitorais. É algo que eu já tinha apresentado muito antes. Não imaginaria que ele [Jair Bolsonaro] ia ganhar a eleição, que iria dar essa polêmica

que deu recentemente. Então, fica registrado que esse projeto nosso vem há quase dois anos", explicou o vereador.

2º turno

A votação em 2º turno vai ser realizada na sessão de terça-feira (19). Se o projeto for aprovado em 2ª turno, segue para a sanção do Executivo.

Nesta segunda-feira, os 23 vereadores que estavam no Plenário votaram a favor da proposta. No total, a Casa tem 38 vereadores, porém, nem todos estavam na sessão discutindo o projeto de lei.

Polêmica no MEC

Recentemente, o Ministério da Educação (MEC) se envolveu em uma polêmica ao tratar da execução do hino nacional.

Hino em escola é obrigatório? Pode filmar? E ler slogan de campanha? Veja o que diz a lei sobre o pedido feito pelo ministro da Educação

Em fevereiro, o MEC enviou um e-mail para as escolas do país pedindo a leitura de uma carta do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, e orientando que, depois de lido o texto, os responsáveis pelas escolas executassem o Hino Nacional e filmassem as crianças durante o ato.

Tratava-se, de acordo com a mensagem do ministro, de uma solicitação de "cumprimento voluntário".

Dias depois, o MEC desistiu de pedir às escolas para gravarem alunos durante a execução do Hino Nacional, segundo o a pasta, por questões técnicas de armazenamento e de segurança.

A carta às escolas foi alvo de críticas de educadores e juristas e motivou um processo de apuração pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão e uma representação de parlamentares ao Ministério Público Federal (MPF).

Ricardo Vélez Rodríguez reconheceu que errou ao pedir que as escolas filmassem as crianças cantando o Hino Nacional sem a autorização dos pais.

Veja mais notícias do estado no G1 Paraná.

topo ↕

## **R7 - TEMPO REAL**

### **Conflitos e segurança podem contar pontos na avaliação escolar**

### **Critérios estão previstos no documento de referência do Sistema de Avaliação do Inep, órgão ligado ao Ministério da Educação**

Escolas de todo o país podem ser avaliadas, a partir deste ano, quanto aos conflitos que ocorrem dentro dos centros de ensino, à segurança e a situações de intimidação entre alunos. Os critérios estão previstos no Documento de Referência do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), aplicado nacionalmente pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), autarquia ligada ao

Ministério da Educação (MEC). O documento foi elaborado em dezembro de 2018.

O Saeb reúne avaliações de diversas etapas da educação básica, que vai do ensino infantil ao médio. As avaliações são diferentes para cada etapa. No ensino fundamental e médio, os estudantes fazem provas de português e matemática e alunos, professores e diretores respondem a questionários sobre as condições de ensino.

As avaliações compõem, junto com o fluxo escolar, ou seja, a taxa de aprovação dos estudantes, o principal indicador de qualidade da educação, o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

A intenção das mudanças é ampliar a avaliação das escolas para além desses indicadores. "É fundamental ampliar o escopo da avaliação da educação escolar, dando centralidade a outros aspectos do fazer educacional, além da aprendizagem dos alunos. Para tanto, faz-se necessário discutir o que a educação escolar deve prover ao estudante no decurso do seu período escolar obrigatório; em outras palavras, é preciso elucidar qual é o resultado da escola", diz o texto.

Chegou a hora de organizar os estudos para o Enem

Pelo documento, as escolas passarão a ser avaliadas em sete eixos. Contará pontos a favor da instituição, por exemplo, se os professores são bem remunerados, se têm acesso à formação continuada e se a escola é dotada de uma boa infraestrutura.

Entre os critérios de avaliação, está também o chamado clima escolar, que vai considerar se houve ou não conflitos nas escolas e situações de intimidação entre alunos.

A avaliação levará em consideração os procedimentos empregados pelas escolas para identificar os problemas de convivência, como violência, bullying, indisciplina; procedimentos empregados para identificar situações em que ocorrem desigualdades, discriminações, preconceitos ou tratamento desigual; e os critérios educativos que a escola utiliza para lidar com alunos que apresentam comportamentos disruptivos recorrentes.

Além disso, será observada a forma como a escola lida com os conflitos e maus-tratos; a existência de espaços institucionais de mediar de conflitos; e ações que expressem repúdio à violência, injustiça, preconceito, desrespeito, individualismo e autoritarismo.

Segundo o documento, o Saeb foi reestruturado para incentivar as escolas para que coloquem em prática o que está previsto em lei e na Base Nacional Comum Curricular, que define o mínimo que deve ser ensinado nas escolas de todo o país.

Em nota, o Inep diz que o Saeb 2019 está em fase de "análise e parametrização de itens do pré-teste para elaboração dos cadernos de prova e definição do formato de contratação dos aplicadores".

A nota informa ainda que a discussão em torno da aplicação do Saeb neste ano "segue internamente e eventuais alterações serão oportunamente divulgadas tão logo haja definição concreta por parte do Inep e Ministério da Educação".

topo ↕

## TERRA - TEMPO REAL

**Professora brasileira entre melhores do mundo quer mudar escola pública  
Criadora de projeto de ensino de robótica com sucata, Débora Garofalo está entre  
10 finalistas do Global Teacher Prize, principal prêmio mundial da área de  
educação Imagem: Arquivo pessoal**

Quando criança, Débora Garofalo pediu à mãe uma pequena lousa com giz de presente. Com o brinquedo sempre em mãos, passou a dar aulas aos coleguinhas com dificuldade de aprendizado na escola. Hoje, aos 39 anos, a brasileira que, por opção, sempre lecionou em escolas públicas, está entre os 10 melhores professores do mundo.

Garofalo é finalista do Global Teacher Prize 2019, o prêmio internacional mais prestigiado da área da educação. O ganhador será anunciado no dia 24 de março. Ela concorre com professores da Grã-Bretanha, Holanda, Índia, Austrália, Geórgia, Índia, Japão, Argentina, Quênia e EUA.

No dia a dia como professora de tecnologias da escola EMEF Almirante Ary Parreiras, na capital paulista, Garofalo agrega à lousa outros instrumentos para ensinar.

Pelas mãos dela e de seus alunos, que têm entre 6 e 14 anos, o lixo jogado nas ruas das favelas de São Paulo se transforma em soluções para problemas da comunidade. Garrafas pet, vidro, restos de fiação viram filtro de água, semáforo, máquina de sorvete, e até tecnologia de energia renovável para substituir o gato elétrico em casas da favela.

"Coletamos lixo das ruas das comunidades próximas à escola e fizemos um primeiro carrinho movido a balão de ar. Esse carrinho virou febre e, no dia seguinte, tinha criança do lado de fora me esperando com materiais recicláveis querendo fazer o carrinho", disse Garofalo à BBC News Brasil.

Assim nasceu o projeto "Robótica com Sucata" - que virou referência no Brasil e ganhou a atenção do mundo.

Em quatro anos, mais de 700 kg de lixo foram retirados das ruas pelos estudantes; o resultado da EMEF Almirante Ary Parreiras no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb), que mede a qualidade do ensino, subiu de 4.2 para 5.2; e alguns alunos de Garofalo já decidiram que querem ser físicos, engenheiros ou programadores.

"Um dos meus primeiros alunos passou agora em física na USP. É um orgulho enorme", conta a professora, que é formada em Letras e Pedagogia.

Garofalo diz que, se ganhar o prêmio de US\$ 1 milhão daquele é considerado o "Nobel da educação", vai reverter todo o dinheiro na construção de laboratórios de robótica em escolas públicas do país. "E, se eu não ganhar, já fica a lição de que é possível fazer grandes coisas com poucos recursos e que precisamos aprender a inovar", afirma.

Em entrevista à BBC News Brasil, ela defende que, para gerar entre os jovens interesse em estudar, as escolas precisam "reinventar" a forma como o conteúdo é repassado. Segundo a professora, as novas gerações não aprendem da mesma maneira que as anteriores, de olho no quadro negro.

"A escola precisa ser atrativa e dar sentido prático ao que é ensinado. E os professores devem envolver as crianças na resolução de problemas, torná-las protagonistas do aprendizado. O meu papel é, junto com eles, errar, testar, fazer com que cheguem às conclusões e criem, sem simplesmente entregar a eles as respostas."

Crítica do projeto Escola sem Partido, Garofalo defende que a solução para melhorar a qualidade da educação básica no Brasil "não passa por gastar dinheiro público fiscalizando professor em sala de aula".

"Eu acho essa discussão totalmente infundada. Sou professora há 14 anos e nunca vivenciei isso (doutrinação). Meu papel é fazer com que meus alunos sejam críticos e reflitam sobre diversos assuntos, sem emitir minha opinião pessoal, mas debatendo diversas vozes e opiniões."

Veja os principais trechos da entrevista de Garofalo à BBC News Brasil:

BBC News Brasil- Como surgiu a ideia de usar lixo para ensinar robótica?

Débora Garofalo - Quando comecei a dar aula de tecnologia na escola, vi que muitos dos meus alunos não vinham para a escola em dia de chuva por causa da questão do alagamento ocasionada pelo lixo. E eles diziam que o lixo incomodava, gerava ratos, insetos e doenças, como dengue. Isso começou a me causar inquietação e me gerou uma reflexão. Não adianta falar de robótica, programação, animação se eu não envolver essa questão do lixo que, para eles, é tão importante e fundamental.

Eu propus, então, que a gente fosse para a rua e fizesse um percurso. Nesse percurso, era para começarmos a recolher lixo, para ver que tipo de sucata era essa, e tentar reutilizar o material. Criamos, com o que foi coletado, um carrinho movido a balão de ar. E esse primeiro carrinho virou uma febre, porque um começou a contar para o outro.

No dia seguinte, tinha criança do lado de fora me esperando com materiais recicláveis querendo fazer o carrinho também. Aí eu pensei: acho que a gente encontrou o caminho para estruturar um trabalho de robótica com uma intervenção social, para que as crianças possam sensibilizar a própria comunidade e intervir na própria história. Aí nasce a proposta de robótica com sucata.

BBC News Brasil - O que vocês conseguiram criar com sucata desde que o projeto foi criado, há quatro anos?

Débora Garofalo - Foi um processo evolutivo. No começo, a gente já criou avião, barco, robôs, consoles, máquina de sorvete, máquina de refrigerante, helicóptero, baratinha robótica. Eram brinquedos que eles sempre quiseram ter e não tinham. Depois de um tempo, houve uma mudança de olhar deles. Eles perceberam que poderiam intervir em problemas sociais da comunidade.

Temos uma avenida que não tem semáforo, então criamos um semáforo inteligente. Tivemos incêndios dentro da comunidade ocasionados pela questão da irregularidade da energia, então decidimos criar uma casa com energia sustentável, inclusive com temporizador para economia de energia. Temos alunos com necessidades especiais, então fizemos um sensor para as cadeiras deles, para que pudessem ter maior

autonomia. Então, a gente vê essa evolução sob outro viés, que é o de realmente atacar os problemas do dia a dia. Eles perceberam que eram capazes de criar soluções com tecnologia, inventividade e criatividade.

BBC News Brasil- Há alunos de escolas públicas que não recebem apoio em casa para estudar, precisam acumular responsabilidades, como cuidar de irmãos mais novos, ou até trabalhar para complementar a renda familiar. Como atrair a atenção dessas crianças para a escola?

Débora Garofalo - A escola precisa ser reinventada, precisa ser atrativa. Doía no começo, porque meus alunos não se achavam capazes. Eles não sentiam que havia perspectiva. No projeto de robótica, senti uma grande diferença nos alunos mais indisciplinados. Eles passaram a ser os que mais se dedicavam a fazer os protótipos. Houve uma mudança de cultura. A gente precisa trazer a tecnologia como propulsora do aprendizado nas escolas. Esses meninos nasceram nessa era da tecnologia e internet. As escolas ainda têm lousa e giz, mas os alunos aprendem de forma diferente.

No projeto de robótica, senti uma grande diferença nos alunos mais indisciplinados. Eles passaram a ser os que mais se dedicavam a fazer os protótipos

Ouvir o aluno também é fundamental. O meu trabalho foi construído com base nas vozes deles. A gente sabe que, no mercado hoje, tudo está sendo automatizado. A inteligência artificial já faz parte do nosso dia a dia. Temos sistema de voz no iPhone, por exemplo. A escola tem que se adaptar a esse novo momento. Não estou exigindo que meus alunos saiam de lá programadores, mas que eles trabalhem na escola o raciocínio lógico, entendam os dados de programação, sejam crítico e reflexivos.

BBC News Brasil - É essencial mostrar que a educação na escola pode solucionar problemas reais e que pode ter efeitos práticos imediatos?

Débora Garofalo - Sim, o aluno se envolve quando sente que pertence. É possível perceber pela voz dos meus alunos que eles estão envolvidos, eles falam com propriedade do que fizeram para solucionar os problemas. Então, envolver essas crianças na resolução de problemas é fundamental para tirá-las da passividade e levá-las ao centro do processo de aprendizagem. Elas viram protagonistas. Meu papel é mediar esse conhecimento. É errar e testar junto com os alunos, e fazer com que eles cheguem às conclusões sem que eu entregue as respostas.

BBC News Brasil - Que dificuldades você vivencia trabalhando em escola pública?

Débora Garofalo - Eu sou fruto da escola pública. E é onde eu acreditava que poderia fazer diferença na vida das crianças, mesmo tendo oportunidade de lecionar em escola particular. Mas a realidade de uma escola pública não é fácil. Hoje atuo numa escola cercada por quatro grandes favelas e, antes, trabalhei em outras escolas públicas. Vemos dificuldade de alimentação dos alunos, dificuldade de os pais estarem presentes no processo de ensino, dificuldade de não ter infraestrutura e recursos para desenvolver um trabalho. É importante que a escola e o professor levem em conta a realidade específica da comunidade onde a escola está inserida.

BBC News Brasil - Quando a gente olha para os países com melhores resultados de



ensino, todos têm em comum valorização de seus professores - não só com bons salários, mas também prestígio e oportunidades de crescimento na carreira. Você sente que é valorizada como professora no Brasil?

Débora Garofalo - A situação dos professores não é fácil. Existe uma grande desvalorização docente. Não temos incentivos para ser professor no Brasil. O problema já começa na formação. O professor sai da faculdade despreparado para enfrentar a sala de aula. Não há treinamento prático suficiente nos cursos de pedagogia e licenciatura. O meu curso de magistério foi muito melhor que a faculdade. Eu me tornei professora graças ao magistério, não à universidade, porque lá tinha a possibilidade de enfrentar o chão da escola, diferentemente da faculdade (de letras e pedagogia).

E a gente também não vê formação continuada para os professores. O professor tem que estudar muito e sempre, porque as coisas mudam - ele precisa dessa atualização.

Outro ponto essencial é envolver o professor em políticas públicas de educação. Muitas vezes, essas políticas públicas vêm de cima para baixo. Por fim, temos que valorizar o que o professor já faz nas escolas, porque muitas das soluções para o ensino já existem em alguma sala de aula.

BBC News Brasil - Sobre valorizar o que já existe em sala de aula, o que precisaria ser feito? Falta intercâmbio de informações entre instituições?

Débora Garofalo - A gente ainda encara a escola como uma ilha. Aqui no Brasil funciona assim. A universidade deveria estar dentro da escola pública, a comunidade também. Eu busco muitas parcerias. Fiz um trabalho sobre cyber bullying e trouxe uma defensora pública do núcleo dos direitos das mulheres para falar sobre os problemas envolvidos em compartilhar fotos íntimas de meninas na internet.

Na escola, há muitas crianças que trabalham, então eu fiz um projeto de conscientização sobre trabalho infantil e chamei uma promotora do Ministério do Trabalho para conversar não só com os alunos, mas também com os pais. A gente precisa integrar a escola à sociedade e abrir as portas para fomentar o diálogo.

BBC News Brasil - O contato com robótica despertou em alguns alunos interesse em trabalhar com tecnologia e robótica?

Débora Garofalo - Um aluno que participou da primeira leva do projeto passou agora em física na USP. Ele está em São Carlos e vai seguir nessa área. Ontem meu aluno Richard disse que quer trabalhar com animação em games, porque o curso de tecnologias na escola despertou esse interesse e ele gostou de programação. Tenho várias meninas que querem ser engenheiras nucleares. Essas crianças não tinham perspectiva e, quando você vê um aluno de escola pública passando na USP, é motivo de muito orgulho, principalmente na comunidade em que estão inseridos. Eu sempre falo que não é o lugar que determina quem eles podem ser, são eles próprios.

BBC News Brasil - O Brasil acaba de vivenciar uma tragédia, com dois jovens matando alunos e professores de uma escola pública de Suzano, em SP. Tendo como base sua experiência como professora, você enxerga caminhos para impedir que esse tipo de violência aconteça?

Débora Garofalo - Falta um aparato psicológico nas escolas. As escolas não estão preparadas para lidar com isso hoje em dia. E essa proposta de dar armas aos professores eu acho um absurdo. Não vai resolver nada. Só aumenta o massacre. Nós não somos policiais, nossa arma é nossa voz. A gente precisa é investir em políticas públicas e inserir cuidados sócioemocionais nas escolas.

Essa proposta de dar armas aos professores eu acho um absurdo. Não vai resolver nada. Só aumenta o massacre. Nós não somos policiais, nossa arma é nossa voz

É fundamental uma parceria na área da saúde para que haja uma atenção psicológica aos alunos. O crime foi planejado há um ano e meio. A gente não sabe o que ocorreu com esses meninos, mas a gente sabe que algo que pode ser melhor trabalhado nas escolas é a questão sócioemocional.

BBC News Brasil - Um dos principais temas em debate hoje no Brasil, quando se fala em educação, é a proposta Escola Sem Partido, que serviria para evitar um suposto doutrinação nas escolas. Qual a sua opinião sobre isso?

Débora Garofalo - Eu acho essa discussão totalmente infundada. É um desperdício com dinheiro público usar recursos da educação para fiscalizar professor. Eu sou professora há 14 anos e nunca vivenciei isso (doutrinação) em sala de aula. As salas de aula são locais de reflexão. Estou lá para fazer com que meus alunos sejam críticos e reflexivos sobre diversos assuntos, sem emitir minha opinião pessoal, mas debatendo diversas vozes e opiniões.

Acho que a gente tem que parar de falar de Escola Sem Partido. Não é só professor que faz a educação. Ele é parte disso, mas toda a sociedade tem responsabilidade e é necessário que todos abracem a sua escola. A única coisa que transforma uma vida é educação e a gente tem que parar com debates infundados e começar a buscar soluções. Temos que investir em alfabetização, em formação dos professores e incluir os professores na elaboração de políticas públicas.

topo ↕

## UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

### **Professores e funcionários voltam a local de massacre em Suzano**

O futuro na Escola Estadual Raul Brasil começou a ser debatido hoje, cinco dias após o massacre em Suzano (Grande São Paulo). Professores e funcionários da unidade de ensino chegaram a partir das 8h30. A maioria não quis falar com a imprensa, mas o reencontro nas dependências da escola teve abraços e emoção.

A escola será aberta aos alunos amanhã com atividades opcionais. Ainda não há previsão de quando as aulas serão retomadas. "Isso será muito discutido com os coordenadores para que eles possam vir no momento ideal deles", disse Eliana Pasarelli, coordenadora dos programas de cidadania de SP, ligados à Secretaria de Justiça. "Eles [professores e funcionários] são vítimas".

Poucos minutos antes das 10h, pais que aguardavam na porta da escola puderam entrar para retirar os pertences dos alunos que ficaram no local desde a quarta-feira passada.

A funcionária do setor de limpeza Edmar Pereira Baião, única a falar na entrada, não

estava na escola no momento do ataque. "Se estivesse, também não ia suportar essa dor. Demais".

Ela veio à escola para buscar apoio emocional. "A dor desses pais... estou sentindo a dor deles", disse, pedindo mais segurança no local. "Por isso, que peço muita segurança, que a gente tá precisando demais".

O objetivo das atividade de hoje é planejar e estruturar atividades de acolhimento à comunidade escolar. As ações de preparação psicológica são planejadas com as secretarias estaduais de Educação, Saúde e Justiça.

Também estão presentes profissionais de psicologia de USP, Unicamp e do **Capes** (Centros de Atenção Psicossocial) da Prefeitura de Suzano.

Psicólogos da Secretaria de Saúde disseram que iam começar uma rodada de conversa com os funcionários para ajudar na recuperação emocional deles.

Aos poucos, a rotina vai sendo retomada no entorno. Em uma escola particular vizinha à Raul Brasil, alunos começaram a voltar às aulas hoje.

Na semana passada, ela funcionou, mas a vinda era facultativa. Hoje, a cena mais comum eram pais beijando e abraçando fortemente seus filhos antes de eles entrarem na escola.

Ao redor da escola, populares demonstram apoio à comunidade escolar. Um deles é Antonio da Paz, 75, que vai atuar como voluntário na escola.

Ele, que veio de São Roque, a cerca de 70 quilômetros de Suzano, ajudará na pintura e remodelação da escola. "Pra tirar essa imagem. Os alunos vão chegar aí e vão ver tudo diferente".

Ele pendurou um cartaz na entrada da escola dando as boas-vindas a professores e alunos. "Que eles voltem o mais rápido possível, com o pé direito na frente."

[topo](#)

## **UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL**

**Professora brasileira entre melhores do mundo quer mudar escola pública  
Criadora de projeto de ensino de robótica com sucata, Débora Garofalo está entre  
10 finalistas do Global Teacher Prize, principal prêmio mundial da área de  
educação Imagem: Arquivo pessoal**

Quando criança, Débora Garofalo pediu à mãe uma pequena lousa com giz de presente. Com o brinquedo sempre em mãos, passou a dar aulas aos coleguinhas com dificuldade de aprendizado na escola. Hoje, aos 39 anos, a brasileira que, por opção, sempre lecionou em escolas públicas, está entre os 10 melhores professores do mundo.

Garofalo é finalista do Global Teacher Prize 2019, o prêmio internacional mais prestigiado da área da educação. O ganhador será anunciado no dia 24 de março. Ela concorre com professores da Grã-Bretanha, Holanda, Índia, Austrália, Geórgia, Índia, Japão, Argentina, Quênia e EUA.

No dia a dia como professora de tecnologias da escola EMEF Almirante Ary Parreiras,

na capital paulista, Garofalo agrega à lousa outros instrumentos para ensinar.

Pelas mãos dela e de seus alunos, que têm entre 6 e 14 anos, o lixo jogado nas ruas das favelas de São Paulo se transforma em soluções para problemas da comunidade. Garrafas pet, vidro, restos de fiação viram filtro de água, semáforo, máquina de sorvete, e até tecnologia de energia renovável para substituir o gato elétrico em casas da favela.

"Coletamos lixo das ruas das comunidades próximas à escola e fizemos um primeiro carrinho movido a balão de ar. Esse carrinho virou febre e, no dia seguinte, tinha criança do lado de fora me esperando com materiais recicláveis querendo fazer o carrinho", disse Garofalo à BBC News Brasil.

Assim nasceu o projeto "Robótica com Sucata" - que virou referência no Brasil e ganhou a atenção do mundo.

Em quatro anos, mais de 700 kg de lixo foram retirados das ruas pelos estudantes; o resultado da EMEF Almirante Ary Parreiras no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb), que mede a qualidade do ensino, subiu de 4.2 para 5.2; e alguns alunos de Garofalo já decidiram que querem ser físicos, engenheiros ou programadores.

"Um dos meus primeiros alunos passou agora em física na USP. É um orgulho enorme", conta a professora, que é formada em Letras e Pedagogia.

Garofalo diz que, se ganhar o prêmio de US\$ 1 milhão daquele é considerado o "Nobel da educação", vai reverter todo o dinheiro na construção de laboratórios de robótica em escolas públicas do país. "E, se eu não ganhar, já fica a lição de que é possível fazer grandes coisas com poucos recursos e que precisamos aprender a inovar", afirma.

Em entrevista à BBC News Brasil, ela defende que, para gerar entre os jovens interesse em estudar, as escolas precisam "reinventar" a forma como o conteúdo é repassado. Segundo a professora, as novas gerações não aprendem da mesma maneira que as anteriores, de olho no quadro negro.

"A escola precisa ser atrativa e dar sentido prático ao que é ensinado. E os professores devem envolver as crianças na resolução de problemas, torná-las protagonistas do aprendizado. O meu papel é, junto com eles, errar, testar, fazer com que cheguem às conclusões e criem, sem simplesmente entregar a eles as respostas."

Crítica do projeto Escola sem Partido, Garofalo defende que a solução para melhorar a qualidade da educação básica no Brasil "não passa por gastar dinheiro público fiscalizando professor em sala de aula".

"Eu acho essa discussão totalmente infundada. Sou professora há 14 anos e nunca vivenciei isso (doutrinação). Meu papel é fazer com que meus alunos sejam críticos e reflitam sobre diversos assuntos, sem emitir minha opinião pessoal, mas debatendo diversas vozes e opiniões."

Veja os principais trechos da entrevista de Garofalo à BBC News Brasil:

BBC News Brasil- Como surgiu a ideia de usar lixo para ensinar robótica?

Débora Garofalo - Quando comecei a dar aula de tecnologia na escola, vi que muitos dos meus alunos não vinham para a escola em dia de chuva por causa da questão do alagamento ocasionada pelo lixo. E eles diziam que o lixo incomodava, gerava ratos, insetos e doenças, como dengue. Isso começou a me causar inquietação e me gerou uma reflexão. Não adianta falar de robótica, programação, animação se eu não envolver essa questão do lixo que, para eles, é tão importante e fundamental.

Eu propus, então, que a gente fosse para a rua e fizesse um percurso. Nesse percurso, era para começarmos a recolher lixo, para ver que tipo de sucata era essa, e tentar reutilizar o material. Criamos, com o que foi coletado, um carrinho movido a balão de ar. E esse primeiro carrinho virou uma febre, porque um começou a contar para o outro.

No dia seguinte, tinha criança do lado de fora me esperando com materiais recicláveis querendo fazer o carrinho também. Aí eu pensei: acho que a gente encontrou o caminho para estruturar um trabalho de robótica com uma intervenção social, para que as crianças possam sensibilizar a própria comunidade e intervir na própria história. Aí nasce a proposta de robótica com sucata.

BBC News Brasil - O que vocês conseguiram criar com sucata desde que o projeto foi criado, há quatro anos?

Débora Garofalo - Foi um processo evolutivo. No começo, a gente já criou avião, barco, robôs, consoles, máquina de sorvete, máquina de refrigerante, helicóptero, baratinha robótica. Eram brinquedos que eles sempre quiseram ter e não tinham. Depois de um tempo, houve uma mudança de olhar deles. Eles perceberam que poderiam intervir em problemas sociais da comunidade.

Temos uma avenida que não tem semáforo, então criamos um semáforo inteligente. Tivemos incêndios dentro da comunidade ocasionados pela questão da irregularidade da energia, então decidimos criar uma casa com energia sustentável, inclusive com temporizador para economia de energia. Temos alunos com necessidades especiais, então fizemos um sensor para as cadeiras deles, para que pudessem ter maior autonomia. Então, a gente vê essa evolução sob outro viés, que é o de realmente atacar os problemas do dia a dia. Eles perceberam que eram capazes de criar soluções com tecnologia, inventividade e criatividade.

BBC News Brasil- Há alunos de escolas públicas que não recebem apoio em casa para estudar, precisam acumular responsabilidades, como cuidar de irmãos mais novos, ou até trabalhar para complementar a renda familiar. Como atrair a atenção dessas crianças para a escola?

Débora Garofalo - A escola precisa ser reinventada, precisa ser atrativa. Doía no começo, porque meus alunos não se achavam capazes. Eles não sentiam que havia perspectiva. No projeto de robótica, senti uma grande diferença nos alunos mais indisciplinados. Eles passaram a ser os que mais se dedicavam a fazer os protótipos. Houve uma mudança de cultura. A gente precisa trazer a tecnologia como propulsora do aprendizado nas escolas. Esses meninos nasceram nessa era da tecnologia e internet. As escolas ainda têm lousa e giz, mas os alunos aprendem de forma diferente.

No projeto de robótica, senti uma grande diferença nos alunos mais indisciplinados. Eles passaram a ser os que mais se dedicavam a fazer os protótipos

Ouvir o aluno também é fundamental. O meu trabalho foi construído com base nas vozes deles. A gente sabe que, no mercado hoje, tudo está sendo automatizado. A inteligência artificial já faz parte do nosso dia a dia. Temos sistema de voz no iPhone, por exemplo. A escola tem que se adaptar a esse novo momento. Não estou exigindo que meus alunos saiam de lá programadores, mas que eles trabalhem na escola o raciocínio lógico, entendam os dados de programação, sejam crítico e reflexivos.

BBC News Brasil - É essencial mostrar que a educação na escola pode solucionar problemas reais e que pode ter efeitos práticos imediatos?

Débora Garofalo - Sim, o aluno se envolve quando sente que pertence. É possível perceber pela voz dos meus alunos que eles estão envolvidos, eles falam com propriedade do que fizeram para solucionar os problemas. Então, envolver essas crianças na resolução de problemas é fundamental para tirá-las da passividade e levá-las ao centro do processo de aprendizagem. Elas viram protagonistas. Meu papel é mediar esse conhecimento. É errar e testar junto com os alunos, e fazer com que eles cheguem às conclusões sem que eu entregue as respostas.

BBC News Brasil - Que dificuldades você vivencia trabalhando em escola pública?

Débora Garofalo - Eu sou fruto da escola pública. E é onde eu acreditava que poderia fazer diferença na vida das crianças, mesmo tendo oportunidade de lecionar em escola particular. Mas a realidade de uma escola pública não é fácil. Hoje atuo numa escola cercada por quatro grandes favelas e, antes, trabalhei em outras escolas públicas. Vemos dificuldade de alimentação dos alunos, dificuldade de os pais estarem presentes no processo de ensino, dificuldade de não ter infraestrutura e recursos para desenvolver um trabalho. É importante que a escola e o professor levem em conta a realidade específica da comunidade onde a escola está inserida.

BBC News Brasil - Quando a gente olha para os países com melhores resultados de ensino, todos têm em comum valorização de seus professores - não só com bons salários, mas também prestígio e oportunidades de crescimento na carreira. Você sente que é valorizada como professora no Brasil?

Débora Garofalo - A situação dos professores não é fácil. Existe uma grande desvalorização docente. Não temos incentivos para ser professor no Brasil. O problema já começa na formação. O professor sai da faculdade despreparado para enfrentar a sala de aula. Não há treinamento prático suficiente nos cursos de pedagogia e licenciatura. O meu curso de magistério foi muito melhor que a faculdade. Eu me tornei professora graças ao magistério, não à universidade, porque lá tinha a possibilidade de enfrentar o chão da escola, diferentemente da faculdade (de letras e pedagogia).

E a gente também não vê formação continuada para os professores. O professor tem que estudar muito e sempre, porque as coisas mudam - ele precisa dessa atualização.

Outro ponto essencial é envolver o professor em políticas públicas de educação. Muitas vezes, essas políticas públicas vêm de cima para baixo. Por fim, temos que valorizar o

que o professor já faz nas escolas, porque muitas das soluções para o ensino já existem em alguma sala de aula.

BBC News Brasil - Sobre valorizar o que já existe em sala de aula, o que precisaria ser feito? Falta intercâmbio de informações entre instituições?

Débora Garofalo - A gente ainda encara a escola como uma ilha. Aqui no Brasil funciona assim. A universidade deveria estar dentro da escola pública, a comunidade também. Eu busco muitas parcerias. Fiz um trabalho sobre cyber bullying e trouxe uma defensora pública do núcleo dos direitos das mulheres para falar sobre os problemas envolvidos em compartilhar fotos íntimas de meninas na internet.

Na escola, há muitas crianças que trabalham, então eu fiz um projeto de conscientização sobre trabalho infantil e chamei uma promotora do Ministério do Trabalho para conversar não só com os alunos, mas também com os pais. A gente precisa integrar a escola à sociedade e abrir as portas para fomentar o diálogo.

BBC News Brasil - O contato com robótica despertou em alguns alunos interesse em trabalhar com tecnologia e robótica?

Débora Garofalo - Um aluno que participou da primeira leva do projeto passou agora em física na USP. Ele está em São Carlos e vai seguir nessa área. Ontem meu aluno Richard disse que quer trabalhar com animação em games, porque o curso de tecnologias na escola despertou esse interesse e ele gostou de programação. Tenho várias meninas que querem ser engenheiras nucleares. Essas crianças não tinham perspectiva e, quando você vê um aluno de escola pública passando na USP, é motivo de muito orgulho, principalmente na comunidade em que estão inseridos. Eu sempre falo que não é o lugar que determina quem eles podem ser, são eles próprios.

BBC News Brasil - O Brasil acaba de vivenciar uma tragédia, com dois jovens matando alunos e professores de uma escola pública de Suzano, em SP. Tendo como base sua experiência como professora, você enxerga caminhos para impedir que esse tipo de violência aconteça?

Débora Garofalo - Falta um aparato psicológico nas escolas. As escolas não estão preparadas para lidar com isso hoje em dia. E essa proposta de dar armas aos professores eu acho um absurdo. Não vai resolver nada. Só aumenta o massacre. Nós não somos policiais, nossa arma é nossa voz. A gente precisa é investir em políticas públicas e inserir cuidados sócioemocionais nas escolas.

Essa proposta de dar armas aos professores eu acho um absurdo. Não vai resolver nada. Só aumenta o massacre. Nós não somos policiais, nossa arma é nossa voz

É fundamental uma parceria na área da saúde para que haja uma atenção psicológica aos alunos. O crime foi planejado há um ano e meio. A gente não sabe o que ocorreu com esses meninos, mas a gente sabe que algo que pode ser melhor trabalhado nas escolas é a questão sócioemocional.

BBC News Brasil - Um dos principais temas em debate hoje no Brasil, quando se fala em educação, é a proposta Escola Sem Partido, que serviria para evitar um suposto

doutrinação nas escolas. Qual a sua opinião sobre isso?

Débora Garofalo - Eu acho essa discussão totalmente infundada. É um desperdício com dinheiro público usar recursos da educação para fiscalizar professor. Eu sou professora há 14 anos e nunca vivenciei isso (doutrinação) em sala de aula. As salas de aula são locais de reflexão. Estou lá para fazer com que meus alunos sejam críticos e reflexivos sobre diversos assuntos, sem emitir minha opinião pessoal, mas debatendo diversas vozes e opiniões.

Acho que a gente tem que parar de falar de Escola Sem Partido. Não é só professor que faz a educação. Ele é parte disso, mas toda a sociedade tem responsabilidade e é necessário que todos abracem a sua escola. A única coisa que transforma uma vida é educação e a gente tem que parar com debates infundados e começar a buscar soluções. Temos que investir em alfabetização, em formação dos professores e incluir os professores na elaboração de políticas públicas.

